

# AS NUVENS

Aristófanes

Distribuído por [www.oficinadeteatro.com](http://www.oficinadeteatro.com)

## Personagens

Estrepsíades, pai de Feidípides  
Feidípides, jovem irresponsável  
Xântias, escravo  
Alunos de Sócrates  
Sócrates  
Coro das Nuvens  
Corifaios ou Chefe do Coro  
Aristófanes  
Filosofia  
Sofisma  
Pásias, credor de Estrepsíades  
Amínias, credor de Estrepsíades  
Cairefonte, discípulo de Sócrates  
Escravos, Estudantes, Testemunhas, etc.

Cenário: *Uma rua de Atenas. À esquerda, a casa de Estrepsíades, velho agricultor obrigado pela guerra a deixar o campo e passar a residir em Atenas; à direita, um casebre diminuto, sujo, arruinado, que obriga o Pensamental de Sócrates. À extrema esquerda, uma estátua de Poseidon. Em frente da casa de Sócrates, contrabalançando com herma, há um fogão cheio de panelas, com um comprido e fino cano de chaminé e um letreiro que diz: MODELO DO UNIVERSO, SEGUNDO O PRINCÍPIO DA CONVECÇÃO.*

*Diante da casa de Estrepsíades há duas camas, uma ocupada pelo próprio Estrepsíades, a outra por Feidípides. Perto, estendidos no chão, dormem e roncam fortemente vários escravos.*

*Está quase amanhecendo.*

**Estrepsíades** *(mexendo-se agitado, depois atirando para um lado as cobertas e sentando-se na cama, e bocejando):*

Aaaaaaaaaaaaauuuuuuuuuuuu!

Zeus, Todo-Poderoso, que infundável  
E monstruosa noite! Quando o dia  
Nascerá finalmente? Eu juraria  
Há muito tempo ter ouvido o canto  
Do galo. E o que se dá com esses escravos?  
Roncando ainda assim. Que desaforo!  
Pelos deuses! As coisas por aqui  
Eram bem diferentes, certamente  
Nos velhos tempos, antes dessa guerra!  
Maldita guerra! Arruinou Atenas.  
Não se pode sequer, de agora em diante,  
Chibatear sem dó nossos escravos,  
Pois, se o fizermos, os escravos fogem  
E vão se apresentar aos espartanos.

*(apontando para Feidípides)*

O caso é ainda pior, embora incrível,  
Com este meu filho, moço irresponsável,  
Preguiçoso sem par e incorrigível.  
Vede como ele dorme aconchegado  
Sob cinco cobertas. Muito bem!  
Se é isto que queres, vou dormir também.  
Não tem graça: dormindo, e eu acordado.

*(Enfia-se de novo debaixo das cobertas por um momento, depois as empurra e senta-se de novo na cama.)*

Não consigo dormir. Malditas dívidas!  
Não me deixam sequer piscar os olhos.

*(Voltando-se para Feidípides)*

Tudo por tua causa, filho ingrato.  
Teus malditos cavalos, tuas selas, Arreios, jaezes e chicotes,

E rabos de cavalo, ainda por cima!  
Estou falido, arruinado, pobre.  
O que vai ser de mim no fim do mês,  
Quando todas as dívidas vencerem?

*(Acorda Xântias, brutalmente, com pontapés.)*

Vai depressa uma lâmpada acender  
E o meu livro de contas trazer.

*(O escravo se levanta, acende uma lamparina de luz muito fraca e traz o livro de escrituração.)*

Vou ver aqui nas contas quanto devo.

*(Lendo em voz alta.)*

A Pásias a importância de trezentos...  
Isto tudo? Para o que terá sido?  
Ah! Agora me lembro! Estou lembrado:  
O cavalo capão que eu lhe comprei.  
Acho que era melhor me ter capado!

**Feidipides** *(sonhando alto):*

Filo! Estás me traindo sem-vergonha!  
Corre seguindo bem a tua pista!

**Estrepsíades**

É isto! Essa mania de cavalos  
É o que está arrasando a minha vida.  
Pensa que está correndo até no sonho.

**Feidipides** *(sonhando alto):*

Quantas voltas ainda para o fim?

**Estrepsíades:**

Teu pobre pai se encontra mesmo às voltas!

*(Voltando ao livro de escrituração):*

Agora vamos ver, depois de Pásias  
Qual a seguinte dívida contraída.

*(Lendo em voz alta):*

A Amínias eu devo pela compra  
De um carro com timão, rodas e tudo...

**Feidipides** *(sonhando alto):*

Tira o cavalo agora da poeira  
Palafrenero, e leva-o para a cocheira.

***Estrepsíades***

Do Meu lar me tiraste, filho ingrato!  
Duas ou três demandas, por tua culpa,  
Já perdi. E essas dívidas agora!

***Feidípides (acordando, mal-humorado):***

Por que motivo, pai, a noite inteira  
Te mexeste na cama sem dormires  
Nem deixares dormir?

***Estrepsíades:***

A noite inteira  
Me mordeu o maldito de um meirinho.  
Ficas sabendo agora.

***Feidípides:***

E agora queres  
Permitir-me dormir bem sossegado?

***Estrepsíades:***

Dorme, dorme à vontade, seu maroto!  
Dorme à vontade, mas fica sabendo:  
As dívidas que hoje me atormentam  
A ti atormentar irão um dia.

*(A única resposta de Feidípides é um ronco)*

Morte sofrida e crua bem merece  
O vil alcoviteiro que me fez  
Unir-me a tua mãe no casamento!  
Eu sempre quis viver na paz do campo,  
A terra cultivando, sempre às voltas  
Com colmeias, ovelhas e oliveiras.  
Mas, por azar, com quem fui casar-me?  
Com tua mãe, donzela da cidade,  
Ela própria sobrinha de Megacles,  
Herdeiro e filho do Megacles Velho,  
Do fidalgo Megacles. Ela uma moça  
Bonequinha de luxo. E nos casamos.  
E deitamos na cama. Eu fedendo  
A estrume, curral, borra de vinho,  
Ela cheirando a todos os perfumes:  
E trazendo consigo tanta coisa:  
Beijos na boca, luxo e preços altos,  
E pratos requintados e outras coisas...  
Era, porém, ativa diligente.  
Isso lá ela era. O dia inteiro

Fiando a lã em casa trabalhava  
E de noite era ainda mais ativa:  
Não mais tecia a lã, mas tosquiava.  
“O que pensas senhora, que sou?”  
“Costumava eu dizer-lhe. “Homem ou bode?””

*(De repente, a lamparina bruxuleia e se apaga.)*

**Xântias:**

Não tem mais óleo a lâmpada.

**Estrepsíades:**

Ora essa! E por que a acendeste, desgraçado? Chega aqui, que vais ser chicoteado.

**Xântias**

Mas por quê? Mas por quê? O que fiz eu?

**Estrepsíades:**

Não sabes nem meter. Naturalmente.  
O pavio meteste erradamente.

*(Investe contra Xântias, que esquiva e corre para dentro da casa).*

O que eu ia dizer? Quando nasceu  
Este filho querido e dorminhoco,  
Tratamos logo, eu e sua mãe,  
De um nome lhe arranjar. Ela queria  
Um nome bem fidalgo, bem na moda,  
Em *hipos* terminado. Por exemplo:  
Xantipos ou Caripos ou Calípedes.  
Mas eu queria que se nome fosse  
Feidonides, em honra a seu avô  
Homem de bem, trabalhador e honrado.  
Discutimos, porém enfim chegamos  
A um compromisso assim: Feidípides,  
Um nome meio a meio construído.  
“Eu sei o que vai ser quando for grande”  
Costumava dizer a minha esposa,  
Olhando a criancinha: “Um grande homem,  
Como o Tio Megacles. Grande homem!  
Tenho a impressão até de vê-lo agora  
À vontade, na Acrópole, trajando  
Veste de púrpura”. Mas eu contestava:  
“Eu o estou vendo, destro, na montanha,  
Pastoreando as cabras e vestindo,  
Como seu pai, um sórdido saiote”.  
Inútil é dizer que o meu desejo  
Não foi cumprido. Fora os cavalos,  
Ocupação alguma tem meu filho.  
De qualquer modo, após os meus miolos

Queimar a noite inteira, me parece  
Ter do problema a solução achado.  
Mister, porém, é primeiro encontrar  
Um meio de acordá-lo. É isso mesmo!

*(Com voz carinhosa, junto ao ouvido de Feidípides):*

Feidípides *(acordando furioso)*:  
Ora essa, meu pai! O quê, agora?

**Estrepsíades**

Um beijo para teu pai. E a mão, meu filho.

**Feidípides**

O que significa tudo isso?

**Estrepsíades**

Diz-me, filho: gostas de teu pai?

**Feidípides**

Gosto, sim. Por Poseidon juro mesmo.

**Estrepsíades**

Isto, não! Isto não, meu filho, não  
Jures por esses deuses cavaleares.  
Jurar por eles, por Poseidon, então,  
Causa de toda esta situação  
Que ora me aflige! Se porém, meu filho,  
Gostas mesmo de mim, peço-te, imploro  
Fazer o que desejo. Me prometes?

**Feidípides** *(desconfiado)*

Depende. O que desejas, afinal?

**Estrepsíades**

Escuta o que te peço, sim, meu filho,  
Muda de todo o teu comportamento.  
Ouve o que digo, e faz de ti mesmo  
Um homem novo, um novo Feidípides.

**Feidípides**

Como, porém?

**Estrepsíades**

Promete-me, primeiro.

**Feidípides** *(relutante)*

Vá lá, prometo. E agora, Dionísio  
Que me ajude!

***Estrepsíades***

Meu filho, estou contente.  
Agora vou dizer-te o que é preciso.  
Vês aquele casebre, aqui pertinho  
Com uma bonita porta?

***Feidípides***

Não me digas  
Que para lá me estás encaminhando!

***Estrepsíades*** *(reverente)*

Este é o Pensamental, meu caro filho.  
Ali vivem homens sábios, professores,  
Que irão te ensinar, e mais: provar-te  
Que toda a atmosfera é realmente  
Um Forno Cósmico, e nós apenas somos  
Uns fragmentos de carvão ardendo.  
Ainda há mais: mediante pagamento,  
Naturalmente, oferecem um curso  
Chamado: “O Meio de Vencer Demandas”.  
É um meio honesto, enquanto for possível.

***Feidípides***

E quem são esses homens?

***Estrepsíades***

Vou dizer-te.  
São grandes eruditos. Cientistas.

***Feidípides***

Muito bem. Mas quem são?

***Estrepsíades***

Quem são? São... são...

***Feidípides***

Quem, afinal de contas? Quem são eles?

***Estrepsíades***

Eles quem são?

***Feidípides***

Não venhas me dizer  
Que são esses pedantes, charlatões  
Cairefonte e esse embusteiro Sócrates.

***Estrepsíades*** *(escandalizado)*

O que é isso, meu filho! Cala a boca.  
Não me faças jamais ouvir palavras  
Tão pouco respeitadas como essas.

Podes crer: se não queres que teu pai  
Morra de fome, acabe miserável,  
Farás melhor com eles estudares  
E deixares de vez os teus cavalos.

***Feidípides***

Por Dionísio, isto não! Nunca na vida!  
Nem mesmo se, meu pai, me seduzires  
Com todos os cavalos de Leogoras!

***Estrepsíades***

Imploro-te, meu filho! Por favor  
Vai estudar nesse Pensamental!

***Feidípides***

Ouvi dizendo  
Que dois tipos de Lógica lá se ensinam.  
Uma delas chamada Filosófica  
Ou Lógica Mora, outra chamada  
De Lógica Sofística ou Socrática.  
Muito bem. Se, meu filho, conseguires  
Esta Segunda lógica aprender,  
Não terei de pagar uma moeda  
De todas essas dívidas mofinas  
Que só por tua causa contraí.

***Feidípides***

Mas não contes comigo. Os agiotas,  
Os vampiros cruéis me depenaram.  
Como iria eu agora face a face  
Encontrar-me e com eles discutir?

***Estrepsíades***

Por Deméter, então, juro e prometo:  
Nunca mais comerás em minha mesa.  
Pode juntar teus trapos e ir embora.

***Feidípides***

Tio Megacles não vai me deixar  
Sem montaria, não, por muito tempo.  
Não preciso de ti. Vou procurá-lo.  
(*sai Feidípides*)

***Estrepsíades***

Perdi, confesso, mas por pouco tempo.  
Primeiro, ergo uma prece para os deuses,  
E irei matricular-me, após, eu mesmo  
Nesse Pensamental... Mas, na verdade,  
A memória está fraca em minha idade  
E o raciocínio não é mais brilhante.

Terei paciência e ânimo bastante  
Pra ingerir essa lógica abstrusa?  
Mas tenho que fazer. Por que então  
Ficar assim pensando o dia inteiro,  
Sem bater nesta porta?  
(*caminha até a casa de Sócrates e dá um pontapé na porta*)  
Ei, porteiro!

**Estudante** (*de dentro*)

Que barulho!  
(*abrindo a porta*):  
Quem bate nesta porta?

**Estrepsíades**

Eu mesmo, meu amigo, Estrepsíades,  
Filho de Feidon, em Quinquina nascido.

**Estudante**

Pela maneira com que aqui chegaste  
E deste coices nesta pobre porta,  
Merecias chamar-te Estupidez.  
Não vês que provocaste o mau sucesso  
De grande descoberta científica?

**Estrepsíades** (*humildemente*)

Oh! Por favor, desculpa. Eu não sabia.  
Sou um homem do campo, sem traquejo.  
Que descoberta, diz-me, abortou?

**Estudante**

Isto é um segredo secretíssimo,  
Apenas conhecido dos alunos.

**Estrepsíades**

Não podes me dizer, então. É certo.  
Por isso mesmo aqui me apresento  
Para estudar neste Pensamental.

**Estudante**

Muito bem, neste caso, então, te digo.  
Não te esqueças, porém, que o nosso estudo  
Do mais denso mistério é rodeado.

(*em voz baixa*)

Escuta aqui: agora mesmo Sócrates  
Argúia o solerte Cairefonte,  
Para saber, perfeita e exatamente,  
O número de pés (de pés de pulga)  
Que uma pulga é capaz de completar  
De um pulo tão somente. Com efeito  
Uma pulga picara Cairefonte

Na sobrancelha, e, rápida, saltara  
Para a calva socrática imponente.

***Estrepsíades***

E como foi que ele mediu tal coisa?

***Estudante***

Foi verdadeiramente genial.  
Primeiro derreteu alguma cera,  
Depois tratou de aprisionar a mosca  
E as patinhas meteu na cera mole,  
Que deixou esfriar. Um sapatinho  
Assim formou então. Logo em seguida,  
Descalçou os sapatos, e a medida  
Foi feita sem tropeços, num instantinho.

***Estrepsíades***

Que inteligência, Zeus onipotente!

***Estudante***

Genial realmente. Mas ainda  
Ouviste nada. Queres outro exemplo?

***Estrepsíades***

Com muito gosto. Fala, por favor.

***Estudante***

Cairefonte a Sócrates pergunta  
Das duas qual a certa teoria:  
O mosquito, ao zumbir, se utiliza  
Da boca ou justamente do contrário?

***Estrepsíades*** (*vivamente interessado*)

Continue a explicar, por obséquio.

***Estudante***

O trato intestinal do vil mosquito  
É diminuto, explica o grande sábio.  
E o gás que vem do estômago, encontrando  
Tão pouco espaço, passa sibilando  
E o zumbido produz que nós ouvimos.

***Estrepsíades***

Quer dizer que o mosquito, quem diria!  
Tem, então, um trompa no traseiro!  
Que grande homem! Que sabedoria!  
Quem entende a tal ponto do traseiro  
Há de entender também do mundo inteiro!

**Estudante**

E sabe de uma coisa: inda outro dia  
Por causa de um lagarto, ele deixou  
De fazer uma grande descoberta.

**Estrepsíades**

Um lagarto o impediu? Essa é incrível!

**Estudante**

Aconteceu à noite, quando o sábio  
A órbita da Lua pesquisava.  
Olhava, boquiaberto para o céu,  
Quando eis que despencando do telhado  
Um lagarto caiu em cima dele.

**Estrepsíades**

Um vil lagarto, petulante, em cima  
Do vosso grande Sócrates! É boa!

**Estudante**

E ontem, durante a noite não havia  
Nada que se comesse nessa escola.

**Estrepsíades**

Como ele prepara a vossa ceia?

**Estudante**

Com muito amor. Uma combinação  
De ciência e prestidigitação.  
Pôs na mesa, primeiro, uma camada  
De cinza feita de pó, pulverizada.  
Depois muito à vontade, muito ancho,  
Com uma haste de ferro fez um gancho.  
E traça um arco ao longo do perímetro.  
Com esse movimento circular  
O extremo do gancho em seu caminho  
Encontra o manto que está mais vizinho,  
E o manto manda então ele empenhar.  
O que for apurado é pra o jantar.

**Estrepsíades**

Que talento! Que gênio! O próprio Tales  
Era um amador com ele comparado!  
Abra-me a porta do Pensamental!  
Quero ver esse sábio frente a frente,  
Quero estudar com ele! Ser letrado!

*(o equicléma é girado então para mostrar o interior do Pensamental de Sócrates. Bem alto, o guindaste sustenta Sócrates dentro de um cesto, muito agitado, observando o céu. Pendurados nas paredes do Pensamental há vários*

*mapas, instrumento, etc. No centro do pátio, encontra-se um certo número de alunos, lívidos, magérrimos, profundamente empenhados em uma atenta contemplação do solo)*

Por Hércules! O que é isso? O que estou vendo?

**Estudante**

O que há de estranho nisso? O que achas?

**Estrepsíades**

Que eles são prisioneiros espartanos.  
Vindos de Pilos. Assim me parece.  
Mas por que para o chão estão olhando?

**Estudante**

Importante pesquisa estão fazendo,  
Pesquisa geológica; estudando  
As camadas da terra, procurando...

**Estrepsíades**

É claro. Já entendi. Procuram trufas.  
Eu conheço um terreno onde há fartura  
De trufas.  
*(apontando para outros alunos, que estão completamente curvados.)*  
Mas aqueles lá, curvados  
Quase que até o chão, o que eles fazem?

**Estudante**

São alunos de escol. Pesquisam o Hades.

**Estrepsíades**

Mas... e os traseiros para o céu voltados?

**Estudante**

Da astronomia são principiantes.  
*(para os alunos)*  
Depressa, para dentro, antes que o Mestre  
Vos apanhe. Portanto, entrai, entrai!

**Estrepsíades**

Não, espera! Permite que eles fiquem  
Por um momento mais. Quero falar-lhes.

**Estudante**

É de todo impossível. O estatuto  
Não permite jamais que fiquem expostos  
Ao ar livre. É a regra, e regra é regra.

*(os alunos desaparecem em uma porta no fundo. Enquanto isso, Estrepsíades contempla os vários mapas e instrumentos pendurados nas paredes).*

**Estrepsíades** (*apontando para um mapa*)

Para o que serve isto?

**Estudante**

Astronomia

**Estrepsíades** (*mostrando outros instrumentos*)

Estes para o que servem?

**Estudante**

Geometria

**Estrepsíades**

E para que serve, então, a geometria?

**Estudante**

Para medir, naturalmente.

**Estrepsíades**

Lotes?

**Estudante**

O mundo inteiro.

**Estrepsíades**

Que grande instrumento!

Útil e patriótico, sem dúvida.

**Estudante** (*apontando para um mapa*)

Aquele mapa abarca o mundo inteiro.

Aqui está Atenas.

**Estrepsíades**

Que absurdo!

Como pode isso ali ser mesmo Atenas?

Se não vejo sequer um tribunal?

**Estudante**

Pois é pura verdade. Isso é Atenas.

**Estrepsíades**

E onde estão meus vizinhos de Quiquina?

**Estudante**

Aqui estão. E aqui está Eubóia.

**Estrepsíades**

Eu conheço essa ilha. O nosso Péricles

A espremeu até deixá-la seca.

Mas onde está Esparta, que não vejo?

**Estudante**

Aqui está Esparta.

**Estrepsíades**

Assim tão perto?  
Na minha opinião, seria certo  
Afastá-la bem mais.

**Estudante**

Não é possível.

**Estrepsíades**

É uma pena, não é? Mas que fazer

*(Pela primeira vez, Estrepsíades vê Sócrates dentro do cesto, lá no alto.)*

O que está pendurado ali no cesto?

**Estudante**

Ele próprio em pessoa.

**Estrepsíades**

Ele próprio?  
Quem é esse Ele próprio?

**Estudante**

O próprio Sócrates.

**Estrepsíades**

Ele?! O sábio filósofo e erudito?  
Faze-o descer, então! Dá logo um grito  
O chamando para cá! Eu quero vê-lo!

**Estudante** *(afastando-se apreensivo, apressadamente)*

Podes chamá-lo, então. Chama tu mesmo  
Que eu tenho muita coisa que fazer.

*(sai Estudante)*

**Estrepsíades**

Estás em ouvindo Sócrates? Ô Sócrates!

*(nenhuma resposta vinda do cesto)*

Quero falar contigo, grande Sócrates!

**Sócrates** *(de uma grande altura filosófica)*

Homem vulgar, de mim o que desejas?

**Estrepsíades**

O que estás fazendo aí trepado?

**Sócrates**

Eu caminho no ar, e olho o Sol  
De cima para baixo. Não estás vendo?

**Estrepsíades**

Suponho, realmente, que é melhor  
Tu zombares dos deuses lá em cima,  
Trepado nesse cesto, do que estares  
Aqui embaixo, neste duro chão.

**Sócrates**

Esta também é minha opinião.  
Suspenso, como estou, no ar etéreo,  
Com ele misturando facilmente  
Meu douto pensamento, de Natura  
Posso explorar o íntimo mistério,  
Mais perto assim do fabuloso Empíreo.  
Se aí, no baixo solo, as pesquisas  
Da alta ciência eu prosseguir tentasse,  
Em vão seria, eu tentaria em vão:  
Do nosso pensamento a terra suga  
A essência sutil e deixa a grossa.  
*(como que refletindo)*  
É o mesmo que acontece com o agrião.

**Estrepsíades** *(extasiado de admiração)*

Que sábio raciocínio! Que talento!  
A essência sutil... O agrião...  
Ó Sócrates divino, eu te imploro:  
Desce do cesto, vem aqui para baixo  
E me ensina o que a saber aspiro.

*(Sócrates é baixado até o chão, vagarosamente)*

**Sócrates**

O que queres saber?

**Estrepsíades**

Eu quero, Mestre,  
Teu curso de oratória e de eloquência  
Seguir, pra discutir com meus credores.  
Em verdade os credores se tornaram  
Absolutamente insuportáveis.  
Importunam, perseguem. Uns miseráveis!  
O pior é que estão me ameaçando  
De tomar os meus bens. E pouco falta  
Que de fato o consigam.

**Sócrates**

Como foi  
Que chegaste a esse estado de insolvência?

**Estrepsíades**

Fui atacado pela peste eqüina:  
Os cavalos comeram o que restava.  
É por isso que estou aqui em busca  
De ensinamentos que de certo constam  
Da tua Lógica Socrática ou Sofística.  
Tu podes me ensinar: os argumentos  
Que a gente pode usar para livrar-se  
De toda e qualquer dívida que temos,  
Mas sem termos, é claro, de pagá-la.  
Pela lição eu pago o que pedires.  
Pelos deuses te juro.

**Sócrates**

Pelos deuses?  
Esses deuses não passam, meu amigo,  
De uma falsa e vulgar superstição.

**Estrepsíades**

Pelo que queres, pois, que eu jure então?  
Barras de ferro, como os bizantinos?

**Sócrates**

Ouvem, meu velho, queres realmente  
A verdade saber, toda, inteirinha,  
A respeito dos deuses?

**Estrepsíades**

Quero, sim.  
Por Zeus, quero saber toda a verdade.

**Sócrates**

E queres ser também admitido  
Com toda a regalia, no convívio  
DE Suas Sereníssimas Altezas,  
As Nuvens, nossas deusas?

**Estrepsíades**

Eu conviver  
Com deuses de verdade? Quero muito.

**Sócrates**

Pois muito bem, então. Primeiramente  
Tens de sentar na mística cadeira.

**Estrepsíades**

Estou sentado.

**Sócrates**

Agora, na cabeça  
A guirlanda votiva coloquemos.

**Estrepsíades**

A guirlanda votiva? Oh, não! Piedade  
Por favor, por favor, não me assassines  
Como o desventurado Átamas, na peça  
De Sófocles.

**Sócrates**

Mas Átamas salvou-se.  
Confundiste, sem dúvida, com Frixos.

**Estrepsíades**

Quer seja um ou outro, pouco importa.  
O que me importa é não morrer tão cedo.

**Sócrates**

Coragem, velho. É um processo normal  
Exigido de todo o iniciado.

**Estrepsíades**

Já que não é pra matar, concordo.

**Sócrates** *(aspergindo Estrepsíades da cabeça aos pés com a farinha ritual)*

Renascerás, senhor, como perfeita  
Flor da oratória, como um consumado  
Tratante, palavroso e descarado.

**Estrepsíades**

Que brincadeira é essa? Estou virando  
Um saco de farinha! Estás brincando?

**Sócrates**

Psiu! Silêncio! Escuta a minha prece.  
*(levanta os braços para o céu e reza)*  
Ó Senhor Deus, Imensurável Éter,  
Que o mundo envolves, Transparente Ozona!  
E vós, e vós, tempestuosas Nuvens,  
Nuvens Sagradas, Grandes Majestades,  
Revelai-vos aos olhos deslumbrados  
Deste humilde sofista, vosso servo.

**Estrepsíades**

Não, por enquanto, não, Senhoras Nuvens!  
Chuva em cima de mim, não, por enquanto.

Vou proteger o corpo com cuidado,  
Pois, do contrário, vou ficar molhado.

*(Protege a cabeça com a túnica)*

**Sócrates**

Vinde, manifestai-vos, majestosas  
Nuvens! Vinde mostrar-me as vossas formas.  
Sejam as fontes do Olimpo a vossa origem,  
Ou seja a água do profundo Nilo,  
Ou do Lago Maiotis ou a neve  
Derretida do Monte Mimas, Nuvens,  
Descei, Nuvens, ouvi as nossas preces!

*(Ouve-se o canto das Nuvens, vindo de muito longe. À medida que elas se aproximam de Atenas, o volume do canto vai aumentando, até que ele se torne muito alto.)*

**Coro**

Alto voai, Nuvens eternas!  
Trazendo a chuva  
E o arco-íris!  
Subi do oceano  
Até os montes,  
Subi dos rios,  
Subi das fontes.  
Voai bem alto,  
Enquanto embaixo  
Cobre-se a terra  
De seus trigais,  
E rugem o mar.  
Voai bem alto  
O Éter eterno  
Fulgura em luz.  
Que desça a chuva  
Que vós gerais,  
Nuvens benditas!

*(Ouve-se o forte ronco do trovão.)*

**Sócrates**

Nuvens abençoadas, como é clara  
A resposta que dais ao meu apelo.

*(A Estrepsíades)*

Ouviste o ronco do trovão?

**Estrepsíades**

É claro!

Confesso que fiquei tão assustado  
Que vou ter de aderir à trovoada.

*(Solta gases, ruidosamente.)*

Se um sacrilégio cometi, desculpa.  
Fiz muita força, mas não resisti.

**Sócrates**

Silêncio, porco! Deixa esses recursos  
Para os nossos autores de comédias.

*(Ouve-se um ronco de trovão mais baixo.)*

Psiu! Silêncio! O séquito das deusas  
Sua cantiga entoará agora.

**Coro**

Virgens da chuva, olhai, virgens da chuva,  
Como a terra de Palas resplandece,  
Essa terra de Cécrops, bendita,  
Que a sombra de oliveiras abençoa.  
Pátria de heróis famosos, santuário  
De mistérios famosos, cujos ritos  
Irrevelados santificam a alma.  
Terra que os deuses abençoam e amam  
E são festivamente cultuados.  
E sempre que começa a primavera,  
Dionísio lhe traz sua alegria,  
A alegria da música e da dança,  
A alegria das Musas e das flautas.

**Estrepsíades**

Por Zeus, dize-me, Sócrates, quem são  
Essas damas que entoam a melodia  
Desse hino solene? Elas serão  
Acaso deusas da mitologia?

**Sócrates**

Não são, não. São as nuvens, que são deusas  
Dos homens de valor filosofal.  
Elas nos asseguram o repertório  
Do talento verbal e da eloquência,  
Da graça, do arranzel, do casuísmo,  
Da prova em profusão, do circunlóquio...

***Estrepsíades*** (de súbito arrebatado por nevoenta inspiração)

Deve ser então que por isso me sinto  
Como que carregado para o alto,  
Flutuando no ar de tão inflado  
Com todo o sopro da filosofia,  
Envolto numa espécie de lanugem,  
Verbal tatuagem que me faz sentir  
A sensação de uma inchação etérea.  
Como se eu fosse um saco de palavras,  
Repleto de argumentos e razões,  
Cada qual mais aéreo. Enfim, ó Mestre,  
O que posso dizer-te é que eu queria,  
Queria muito, ver, pessoalmente,  
E sem muita demora essas senhoras.

**Sócrates**

Olha, então, para Parnes. Posso vê-las  
Ali descendo, muito docemente.

***Estrepsíades***

Onde?

**Sócrates**

Não vês? Ali naqueles vales  
Se espalham pelos campos, pelos bosques.

***Estrepsíades*** (esfregando os olhos)

O que está errado? Nada vejo.

**Sócrates**

Olha fora do palco.

***Estrepsíades***

Agora vejo!

**Sócrates**

Terias catarata se não visses.

(Lenta e vagorosamente, o Coro das Nuvens marcha em fila e toma posição na orquestra.)

***Estrepsíades***

Fidalgas damas! Todo o espaço ocupam.

**Sócrates**

E nunca te ocorreu, dize a verdade,  
Que são as Nuvens deusas celestiais?

**Sócrates**

Por Zeus, que, para mim, é novidade.

Sempre pensei que fossem vapor d'água.

**Sócrates**

Ignoras também, pois, certamente,  
Serem elas as boas protetoras  
De variadas classes de pessoas:  
Profetas, quiropráticos, mocinhos  
Cabeludos, poetas ditirâmbicos,  
Astrólogos, charlatões e impostores  
E muitos outros mais. E como todos  
Sem exceção, caminham com a cabeça  
Entre as nuvens, e buscam inspiração  
Na Musa nevoenta e tenebrosa,  
Deles as Nuvens cuidam, e os alimentam.

**Estrepsíades**

Eis explicado, então, porque escrevem:  
“Gotículas que caís do céu molhado”,  
“Furacões que coroads de Tifo a testa”,  
“Humo esponjoso e hialino” e mais  
“Nuvens altas do céu, aves do vento”  
“Vinde até nós, rodopiantes cúmulos,  
Branças condensações, vinde até nós!”  
E é em troca, então, que esses poetas  
Podem comer seu trigo?

**Sócrates**

E por que não?

**Estrepsíades**

O que quer saber, porém, é isto:  
Se essas damas são Nuvens realmente,  
Por que sua aparência é de mulheres?  
Pois as nuvens reais não são mulheres.

**Sócrates**

Que te parecem então?

**Estrepsíades**

Não sei bem certo.  
Têm algo diferente das mulheres.  
Ah! Já sei o que é: não tem narizes.

**Sócrates**

Posso fazer-te uma pergunta ou duas?

**Estrepsíades**

É claro, é claro! Estou às suas ordens.

**Sócrates**

Nunca viste uma nuvem semelhante  
A um centauro, um touro, um leopardo?

**Estrepsíades**

Realmente já vi. E o que tem isso?

**Sócrates**

Temos de deduzir que as nuvens podem  
Assumir qualquer forma que desejem.  
Vamos supor, então, que elas encontrem  
Um homem bestial, lascivo, hirsuto,  
Por exemplo: Jerônimo. De pronto  
Elas assumem a forma de um centauro,  
Da luxúria da tal caricatura.

**Estrepsíades**

Muito bem. E o que fazem se encontrarem  
Simon, esse gatuno do Tesouro  
De Atenas?

**Sócrates**

Sem demora se transformam  
Na aparência de um lobo rapinante.

**Estrepsíades**

Eu compreendo. E ontem, com certeza,  
Elas tomaram a forma de um veado  
Por Cleomino, o poltrão, terem encontrado.

**Sócrates**

Precisamente. E, quando acontecer  
Um encontro com Cleistenes, se apressam  
A assumirem a forma de mulher.

**Estrepsíades**

Bem-vindas, sede, pois, deusas do céu!  
Soberanas da altura, eu vos bendigo.  
Se a palavra a um mortal já dirigistes,  
Eu vos peço um favor: falai comigo!

*(Forte trovão. Estrepsíades encolhe-se, apavorado.)*

**Corifaio**

Salve, ó tu, superidoso homem,  
Cão amestrado da cultura, salve!

*(A Sócrates)*

E salve tu, ó sumo sacerdote  
Da conversa fiada. O que desejas  
Dize, sem hesitares, pois bem sabes:  
De todos os polímatas da terra  
És tu o mais querido, o preferido,  
Juntamente com Pródicos. A este  
Preferimos por causa do saber,  
De sua erudição. A ti por causa  
Da arrogância que mostras, orgulhoso,  
Quando andas descalço pelas ruas.

***Estrepsíades***

Que voz solene, santa e respeitável!

***Sócrates***

Não existem outros deuses, senão estes.  
Todos os mais são meras invenções.

***Estrepsíades***

Queres dizer que Zeus é uma invenção?

***Sócrates***

Zeus? Que Zeus? Não há Zeus. Que Zeus?

***Estrepsíades***

Que Zeus?  
Quem então faz a chuva? Me responde.

***Sócrates***

Quem faz a chuva? As nuvens, certamente.  
A prova, neste caso, é conclusiva:  
Tu já viste jamais chover com céu sem nuvens?  
Se fosse Zeus, fazer chover podia  
Com um céu todo claro. Ou não podia?

***Estrepsíades***

Podia, é claro. Tens razão, portanto.  
Tens razão, tens razão, mas eu pensava  
Que Zeus, com um regador, fazia a chuva.  
Mas ainda há uma coisa: e a trovoada?

***Sócrates***

São as nuvens também. Simples processo  
De convecção. Isto é coisa provada.

***Estrepsíades***

Eu muito te admiro, mas confesso:  
Não é fácil seguir teu raciocínio.

**Sócrates**

Escuta, pois. As nuvens o que são?  
Uma densa de água solução.  
A tumescência move-se e provoca  
Em conseqüência a precipitação.  
E conseqüentemente com algum  
Esforço então as massas se distendem,  
E as massas distendidas fazem: Pum!

**Estrepsíades**

Mas quem as faz mover para colidirem?  
Não achas que é Zeus?

**Sócrates**

Não, idiota.  
Tudo isso é explicado no princípio  
Da convecção.

**Estrepsíades**

Convecção? Princípio?  
Espera um pouco. Tu não me disseste  
Afinal quem faz a trovoada.

**Sócrates**

Ora, não te expliquei? Não me entendeste;  
As Nuvens são de água carregada  
E explodem, quando entram em colisão.

**Estrepsíades**

E a prova disso, podes me mostrar?

**Sócrates**

Muito fácil. Em ti mesmo tens a prova.  
Os cozidos de carne não conheces  
Que são vendidos em Panatenaia?  
Como provocam dores de barriga  
E fazem ribombar o baixo ventre?

**Estrepsíades**

Por Apolo, eu me lembro. Coisa Horrível!  
Logo a gente se sente muito mal,  
Com a barriga crescida e após, então  
Dor de barriga e, após, sob pressão,  
Vai comprimindo o vento intestinal  
E para fora sai como um trovão.  
É um ronco a princípio: puuum  
Depois mais alto: puuuuum  
E afinal um trovão: PUUUUUUUUUUUUM!

**Sócrates**

Precisamente. O diminuto pum  
De tua entranha, é mister, compara  
Com o estrondoso pum que vem do céu,  
Isto é, o trovão. Mas o princípio  
É o mesmo, quer num caso, quer no outro.

**Estrepsíades**

Mas, então, de onde é que o raio vem?  
E, quando o raio cai, por que é que mata  
Alguns homens e outros são poupados?  
É Zeus quem manda os raios. Evidente!  
Com o raio castiga os mentirosos.

**Sócrates**

Ouve, idiota, e me responde agora:  
Se é Zeus que castiga os mentirosos,  
Como é que Simon ainda está vivo,  
Vivos também Cleôminos e Téoros?  
No entanto, em lugar de fazer isso  
Ele destrói seus próprios santuários  
Corta ao meio carvalhos centenários.  
Tem razão para isso? Por acaso  
Pode o carvalho cometer perjúrio?

**Estreopsíades**

Mas como explicas, afinal, o raio?

**Sócrates**

Espera.

*(Ilustra as suas palavras com o fogão Modelo do Universo.)*

Vê agora. Suponhamos  
A corrente de ar, bem aquecida  
Subindo rumo ao céu. Logo em seguida  
Atinge as nuvens e estas se dilatam  
E se distendem, qual uma bexiga  
De boi, bem limpa, que um menino sopra  
E se enche de ar. Eis que a pressão  
Tremendamente forte se tornando  
Provoca a ruptura do balão,  
Com um estrondo terrível, o trovão.  
E liberando os ventos que disparam  
Em tal velocidade que o atrito  
Acaba provocando a combustão,  
E assim ocorre o raio. Tenho dito.

### ***Estrepsíades***

A mesma coisa que me aconteceu  
No festival de Zeus! Uma salsicha  
Eu estava fritando, e me esqueci  
De abrir a casca, e ela arreventou  
Me emporcalhando a cara com a tripa.

### ***Coro***

Com que avidez ele o saber procura!

(*A Estrepsíades.*)

Se puderes passar na nossa prova,  
Hás de ser invejado em toda a Grécia.  
Antes, porém de começar a prova,  
As nossas condições terás de ouvir.  
Tua memória é boa? És bem capaz  
De pesquisar a fundo o que é preciso?  
Ao cansaço, à fadiga és resistente?  
A friagem do inverno não te assusta?  
Ficarás sem comer um dia inteiro?  
Evitarás os vinho e as mulheres?  
E enfim, tens de jurar, solenemente,  
Seguir, bem a rigor, o nosso código.  
Lutar, brigar, pleitear e batalhar,  
Como um leal soldado da Palavra,  
Sempre como um filósofo perfeito.

### ***Estrepsíades***

Se o que quereis, senhoras, se resume  
Em insônia, trabalho, resistência  
E uma barriga que digere tudo,  
Estou às vossas ordens.

### ***Sócrates***

Desse modo,  
Promete agora, então, que o meu caminho  
Hás de trilhar religiosamente,  
Sem teres outro deus, senão os meus,  
E respeitando sempre esta Trindade:  
NUVENS e CAOS e MISTIFICAÇÃO.

### ***Estrepsíades***

Se encontrar outro deus, eu o degolo.  
Juro que só aqui irei agora  
Sacrificar e orar por toda a vida.

### ***Corifaios***

Podes então dizer-nos sem temor  
O que desejas. Hás de ter, é certo,

Desde que saibas venerar e honrar  
As Santas Nuvens, e seguir à risca  
O caminho da Vida Filosófica.

***Estrepsíades***

Eu vos direi, senhoras. É modesta  
Minha ambição. Desejo simplesmente  
Que toda a minha língua seja a mais matreira  
De toda a Grécia.

***Corifaios***

Pretensão aceita.  
Nenhum legislador, de agora em diante,  
Te alcançará na produção de leis.

***Estrepsíades***

Por lei não me interessa. Quero apenas  
Dos credores livrar-me para sempre.

***Corifaios***

Modesto é o teu desejo. Concedido.  
E agora, Candidato, confiante  
Às nossas mãos entrega-te. Sê forte.

***Estrepsíades***

Estou inteiramente convencido.  
Aliás, não havia alternativa.  
Graças a meu filhinho e a minha esposa.  
Assim, entrego meu corpo  
Para o melhor e o pior,  
Podeis matá-lo de fome,  
Podeis secá-lo de sede.

Podeis reduzi-lo a gelo  
E até picá-lo em pedaços.  
Fazei o que bem quiserdes,  
Mas eis minhas condições:

Quando, completada a ordália,  
Tudo estiver terminado,  
Que surja um Estrepsíades  
Inteiramente mudado.

Um velhaco, mentiroso,  
Solerte e parlapatão,  
Embusteiro, palavroso,  
Sem vergonha, charlatão

Macio, esperto, untuoso,  
Embrulhador consumado,

Pulha, safado, maldoso,  
Salafrário e descarado.

Agora, damas, serenas  
Podeis me experimentar  
Heis de ver que vale a pena,  
Não irei decepcionar.

**Corifaios**

Eis um audaz e corajoso espírito!  
Senhor, ao terminares o teu curso,  
A glória até o céu te erguerá.

**Estrepsíades**

Não podes ser mais um pouquinho explícito?

**Corifaios**

Passarás todo o resto da existência  
No ar, em meio a nós, com a cabeça  
Enterrada nas Nuvens. Tua vida  
Fará inveja a toda a humanidade.

**Estrepsíades**

E quando alcançarei tanta ventura?

**Corifaios**

Dentre em pouco, milhares de clientes  
À tua porta irão bater, pedindo,  
Mendigando, implorando os teus serviços  
E os teus conselhos, para defendê-los  
Em pleitos judiciais, que muitas vezes  
Correspondem a quantias colossais.  
Agora, Sócrates, verifica, presto,  
Seus poderes, concretos e mentais.

**Sócrates**

Muito bem. Vamos lá. Dize-me agora  
Alguma coisa sobre a tua vida.  
É necessária certa informação  
Para saber qual será a estratégia  
Que contra ti convém utilizar.

**Estrepsíades**

Estratégia? Me tomas, por acaso,  
Por um objetivo militar?

**Sócrates**

Não, não é isso. Apenas eu pretendo  
Fazer-te umas perguntas. Em primeiro  
Lugar, responde: Tens boa memória?

***Estrepsíades***

Isso depende. Se alguém me deve,  
Eu não me esqueço, de maneira alguma.  
Se eu devo a alguém, contudo, o caso é outro:  
Não consigo lembrar, por mais que queira.

***Sócrates.***

Terás, para falar, algum talento?

***Estrepsíades***

Pra falar, não; mas para lesar, não falta.

***Sócrates***

Mas será que não podes aprender?

***Estrepsíades***

Não te preocupes, que eu darei um jeito.

***Sócrates***

Mas supões que eu te atire, como um doce,  
Um fragmento da sabedoria  
Superior. Serás capaz, acaso,  
De apanhá-lo no ar?

***Estrepsíades***

Estás pensando  
Que sou um cão de caça, que pegar  
Pode a sabedoria em pleno ar?

***Sócrates***

Cão não digo que sejas, todavia  
Burro talvez tu sejas. Mas passemos  
A outro ponto do interrogatório.  
Se te espancassem, dize: o que farias?

***Estrepsíades***

Que havia de fazer? Agüentaria,  
Mas logo após, contra a agressão sofrida,  
À justiça comum recorreria.

***Sócrates***

Está bem, está bem. Despe-te agora.

***Estrepsíades***

Despir-me? Para quê? Fiz algo errado?

***Sócrates***

Nós exigimos dos iniciantes  
Que fiquem nus.

***Estrepsíades***

Eu juro, Sócrates,  
Que não sou um ladrão. Se tu quiseres  
Podes me revistar.

***Sócrates***

Por quem me tomas?  
Por um policial? Fica sabendo  
Que estás submetido à filosófica  
Solene iniciação. Acho melhor  
Parares de falar tanta tolice  
E te despires, da cabeça aos pés.

***Estrepsíades*** *(começando a despir-se com extrema relutância)*

Está bem... Não, primeiro me responda  
Se eu muito me estudar e me esforçar  
Com qual de teus alunos eu irei  
Parecer?

***Sócrates***

Sendo assim, com Cairefonte.

***Estrepsíades***

Com Cairefonte? Um defunto ambulante!  
Vou estudar, então, necrologia?

*(Febrilmente, torna a vestir o manto.)*

***Sócrates***

Cala a boca, cretino e fica nu!

*(Arranca o manto de Estrepsíades e o empurra rudemente para uma abertura escura, parecendo uma gruta, atrás do Pensamental.)*

Avança, candidato!

***Estrepsíades***

Não, espera!  
Estou apavorado! Isso parece  
Um covil de serpentes. Dá-me, Sócrates,  
De um bolo de mel só um pedaço,  
Que eu possa atirar para as serpentes,  
Pois, do contrário, elas me comem vivo.

***Sócrates***

Para a frente, cretino! A hesitação  
Não é mais permitida nesta fase  
Adiantada da iniciação!

*(Sócrates empurra Estrepsíades diante de si na abertura atrás do Pensamental, depois avança, tira o manto do outro, sorri, depois arranca também a túnica e desaparece no Pensamental.)*

### **Coro**

Adeus, homem valente! Que o futuro  
Te seja tão brilhante quanto agora  
É a tua coragem! Que a fortuna  
Sorria a ti, que já na idade amarga,  
No sombrio crepúsculo dos anos,  
Investes, forte, impávido, sereno  
Rumo à fronteira extrema, derradeira  
Da mente humana. Intrépido pioneiro!

*(O Coro vira-se bruscamente e olha para os espectadores. Vindo dos bastidores, aparece o poeta, o calvo Aristófanes, que dá alguns passos para a frente, e se dirige diretamente ao público.)*

### **Aristófanes**

Senhores, venho em nome de Dionísio,  
A quem devo de todo a inspiração  
Como poeta, e vos expor pretendo,  
Com franqueza e completa liberdade,  
As minhas queixas íntimas, pessoais,  
Permitidas, sem dúvida, ao poeta.  
As minhas ambições são muito claras:  
Quero o Primeiro Prêmio conquistar  
E conquistar também, em conseqüência,  
Fama de talentoso e de engraçado.  
Assim, e firmemente convencido  
Que somente por homens de bom gosto  
O respeitável público é formado,  
Esta comédia, "As Nuvens", até hoje  
Foi a melhor de todas que escrevi.  
Apresentei uma versão primeira,  
De vossa aprovação esperançoso.  
Muito labor e esforço me custara.  
Fui obrigado, entanto, a retirá-la  
Vencido, como fui, por meus rivais,  
Rivais vulgares, fracos e mesquinhos.  
Nem preciso dizer que as minhas queixas  
São destinadas aos pretensos críticos  
Que a esta revista me induziram.  
Aos homens de bom gosto, no entanto,  
Quero dizer, para ficar bem claro:  
Vosso amigo fiel sou, serei sempre.  
Jamais de vós pretendo me afastar  
Ou de maneira alguma censurar-vos.  
E é natural. Jamais esquecerei  
O glorioso dia em que os juízes,

Homens notáveis, de apurado gosto,  
O cobiçado prêmio concederam  
À comédia “Os Convivas”, que escrevi  
Quando era bem jovem. Nesse tempo  
A minha Musa ainda era mocinha,  
Terna donzela, que não poderia  
Um filho dar à luz, sem provocar  
Um grande falatório. Fui forçado  
A expor o nosso filho, e um estranho  
Prontamente adotou o enjeitado.  
E fostes vós, senhores, o adotante,  
O vosso generoso acolhimento  
Alimentou meu filho, e desde então  
De duvidar de vosso fino gosto,  
É natural, jamais tive razão.  
E agora, como Electra na tragédia,  
Uma comédia irmã se apresenta  
E espera ter a mesma aceitação.  
Deixai-a, em suma, vislumbrar somente  
Dos cabelos do irmão um simples cacho,  
E há de também se conhecer melhor  
E vossa aprovação posso esperar.  
Não lhe falta beleza. Observai  
Sua modéstia natural, as vestes  
Tão recatadas, e também notai  
Que consigo não traz o instrumento  
De couro que provoca gargalhadas.  
Notai quanto ela é fina e requintada,  
E se abstém de apresentar graçolas  
Repetidas, zombando dos carecas;  
Quanto recato há em suas danças.  
Notai a ausência de pancadarias,  
De tombos, tropeções e correrias.  
Não heis de ver aqui um pobre velho  
Com um bastão espancando os oponentes,  
Numa vã tentativa de esconder  
A indigência dos versos da comédia.  
Esta minha comédia não vereis  
Encher o palco de inflamadas tochas  
Ou de panos manchados de sangue.  
Ela a vós se apresenta tão somente  
Confiante em si mesma e na poesia.  
É isso que ela é. E quanto a mim  
Sou seu pai amoroso. Posso ser  
Careca, como os meus rivais não cansam  
De dizer, porém não desenhado.  
Jamais, de fato, me servi da arte  
De vos servir comida requentada.  
As minhas ficções são sempre novas  
E jamais se parecem uma com a outra.

Lembrar-vos posso ainda que fui eu  
Que derrubei Cleon com um forte murro,  
Ferindo o seu orgulho. No entanto,  
Não o pisei depois que ele caiu.  
Por outro lado, vede os meus rivais  
Com o infeliz Hipérbolo o que fizeram:  
Não se cansaram de pisá-lo e assim  
O cobriram de lama, e essa lama  
Sobrou até para sua mãe no fim.  
Foi Eubolis, sem dó, que chefiou  
Esse ataque furioso contra Hipérbolo.  
Ele, a minha comédia “Os Cavaleiros”  
Engoliu, e o aborto resultante  
Lançou ao palco: um plágio descarado,  
Um plágio que, muito naturalmente,  
“O Pederasta” foi intitulado.  
E para completar, dança indecente  
Fez questão de mostrar, para uma bruxa  
Feia e velha as cadeiras requebrar.  
E ela mesma, aliás, foi imitada  
De uma comédia antiga de Firmicos,  
Que, por sinal, muito sensatamente  
Fez com que a bruxa fosse devorada  
Por um monstro do mar. Chega de Eubolis.  
Hermipos, depois deles, contra Hipérbolo  
A dose repetiu. Logo em seguida  
Todos os plagiários da cidade  
Investiram sanhudos contra Hipérbolo  
E imitaram descaradamente  
Minha comparação com as enguias.  
Tenho certeza, e isso me faz contente,  
De que aqueles que gostam de tais coisas  
Detestam o que escrevo. Certamente,  
Por outro lado, os homens de bom gosto  
Sabem me dar valor e o meu talento  
Apreciar. Entrego-me, portanto,  
Ao seu esclarecido julgamento.

*(Sai Aristófanes.)*

### **Coro**

Tu, nosso rei, primeiro invocamos  
Lá de seu trono, onipotente deus,  
Baixa os teus olhos sobre a nossa dança  
E sê conosco, Zeus.

E tu, senhor do mar, grande Poseidon,  
Que vences com o tridente toda a luta  
Toda a fúria das ondas, ó Poseidon,  
A nossa prece escuta.

E tu, Éter etéreo, paternal,  
Que pelo ar te espalhas, e senhor  
És para nos nutrir e sustentar,  
Dá-nos força e vigor.

E tu, cujos corséis o firmamento  
Atravessam, levando-te, a brilhar.  
Ó Luz Fecunda para o céu e a terra,  
Vem nos iluminar.

### **Corifaios**

Senhores Críticos e homens talentosos,  
Eu vos peço um momento de atenção.  
Já que de nossa peça constam algumas  
Verdades e também reclamações,  
Temos de ser bem rudes. Não é justo  
Sermos, como nós somos, ignoradas.  
Nenhum deus, em verdade, já vos trouxe  
Benefícios iguais ao que trouxemos.  
Somente nós, é certo, em tempo algum  
Recebemos sequer um sacrifício.  
No entanto, nem há necessidade  
De vos lembrar a ternura, o cuidado  
Com o que nós vos tratamos. Por exemplo:  
Sempre que arquitetais algum projeto  
Condenável, nós logo trovejamos  
Nossa reprovação. Nossa censura  
Vem em forma de chuva irresistível.  
Um episódio lembrai recente:  
O negro dia em que um repelente  
Ateu, um curtidor que se chamava  
Paflagon general quis ser eleito?  
Recordais qual foi nossa reação?  
Como é que escurecemos, trovejamos  
“E sem piedade o calcanhar do Raio  
Os corséis do Trovão acicatou”?  
Como a Lua apagou a sua luz  
E o próprio Sol escureceu também,  
Sem querer mais iluminar o mundo  
Se Cleon fosse eleito? E vós, no entanto,  
Elegestes Cleon, alimentando  
A curiosa crença que, em Atenas,  
Os mais gritantes erros dos políticos,  
Acabam lhe trazendo benefícios,  
Ou mais cedo, ou mais tarde. De que modo?  
Condenando Cleon por peculato  
E passando-lhe o jugo no pescoço.  
Não somente esta ação está de acordo  
Com a longa tradição do Disparate,

Como também ao mesmo tempo serve  
Para redimir o próprio disparate.

### **Coro**

Ó tu, senhor de Delos, que freqüentas  
Os altos montes, os rochedos rudes,  
Onde o cume do Quintos se levanta,  
Febo, que nos ajude!

E tu, dama de Éfeso, tu senhora,  
Senhora e glória do sagrado altar  
Que as mulheres da Lídia tanto adoram,  
Ártemis, vem dançar!

E tu, de Delfo alegre dançarino,  
Que as Mênadas despertadas sem demora  
Aos gritos de alegria, Ó Dionísio,  
Conosco dança agora!

### **Corifaios**

Nossa massa de Nuvens sobre Atenas  
Ia se concentrando e, no caminho  
Encontramos a Lua, que pediu  
Então que transmitíssemos a Atenas  
A seguinte mensagem: "Saudações  
Etc. Etc. a Atenas  
E aos seus aliados Ponto A minha  
Divindade ofendida mortalmente  
Com vossa escandalosa grosseria  
Apesar do que fiz pela cidade  
Ponto Não esqueçais que sou mulher  
De ação repito ação e não palavras  
Ponto Assinado A Lua". E, realmente,  
Muito deveis à Lua, atenienses.  
Graças a seus esforços luminosos,  
Com a iluminação podeis poupar  
Mais de um dracma por mês tranqüilamente.  
Tenho mesmo a impressão de estar ouvindo  
Alguém de vós assim recomendando  
Quando sair de casa, a seus escravos:  
"Não precisa de luz, hoje, o luar  
Está tão claro!" E o luar realmente  
Está às vossas ordens. No entanto  
Negastes a fazer um calendário  
Lunar perfeitamente formulado.  
E o vosso mês, assim, tornou-se um caos,  
Obra-prima de pura confusão.  
E mais ainda: quando à noite um deus  
Chega em casa faminto e não encontra  
Nada para jantar, porque vós outros

A festa celebrais em dia errado,  
É a coitada da inocente Lua  
Que pelo deus furioso é censurada.  
E não é isso só: naqueles dias  
Em que devíeis cultuar os deuses,  
Vos ocupais em discutir demandas  
Ou torturar as pobres testemunhas.  
E enquanto os deuses jejuando ficam  
Vós, no entanto, a grandes comilanças  
Vos entregais, e a grandes bebedeiras.  
Ficai, portanto, agora advertido.  
Ainda bem recentemente, os deuses  
De seu lugar Hepérbolo privaram  
Na Comissão dos Festivais, querendo  
Ensinar-lhe e ensinar a outros iguais  
Porque se deve respeitar o tempo.

*(Enquanto o Coro retoma a sua posição habitual, a porta do Pensamental se abre e Sócrates aparece.)*

**Sócrates**

Eflúvio Onipotente! Ozona e Caos!  
Em toda a minha vida jamais vi  
Tanta burrice, tanta estupidez!  
Não tem inteligência nem memória.  
Mal eu conseguia, a muito custo,  
Lhe impingir um bocado de ciência,  
E ele tinha um ataque de amnésia.  
É doloroso. De qualquer maneira.  
A Verdade é quem manda. Eu obedeço.

*(Entra na porta do Pensamental e se some no escuro.)*

Onde estás, onde estás, Estrepsíades?  
Carrega o teu colchão e vem pra fora.

**Estrepsíades**

Não posso. Os percevejos não me deixam.

**Sócrates**

Deixa de história, toleirão. Agora  
Presta atenção.

**Estrepsíades**

Estou prestando.

**Sócrates**

Pra resumir, então, quero indagar;  
De toda a vasta série de matérias  
À tua ignorância oferecidas,

Qual especialmente tu desejas  
Aprender? Por exemplo: elocução,  
O ritmo ou a medida?

***Estrepsíades***

A medida.  
Ainda outro dia, um reles vendedor  
De farinha acabou por me lesar  
Na medida do artigo.

***Sócrates***

Não se trata  
De medir a farinha, ignorante!  
Eu me refiro à métrica, à medida  
Que preferes: trímetro ou tetrâmetro?

***Estrepsíades***

Para medir prefiro a vara mesmo.

***Sócrates***

Não tem jeito! Burrice irremovível!

***Estrepsíades***

Sou capaz de apostar que esse teu trímetro  
Tem três pés, e não mais. Não é verdade?

***Sócrates***

Idiota perfeito. Mas quem sabe  
Se com o ritmo te darás melhor?

***Estrepsíades***

O ritmo serve para comprar comida?

***Sócrates***

Todo aquele que ao ritmo é sensível  
Terá da sociedade a porta aberta.  
Agrada à alta roda o que distingue  
O anapesto do dáctilo comum  
Também chamado ritmo digital.

***Estrepsíades***

Digital, ou do dedo? Esse eu conheço.

***Sócrates***

Define-o, então.

***Estrepsíades*** *(estendendo o dedo médio, em um gesto obsceno)*

É mexer com este dedo.  
Naturalmente, quando eu era jovem,

(Mostra o pênis.)

Era com este que eu fazia o ritmo.

**Sócrates**

Bobo alegre!

**Estrepsíades**

Estás vendo: essa matéria

Não preciso aprender.

**Sócrates**

Então que queres?

**Estrepsíades**

Quero aprender, e tão-somente, a Lógica!

Quero aprender a Lógica Imoral!

**Sócrates**

Mas para isso, meu prezado amigo,  
Terás, é claro, de saber ao menos  
Primeiro os rudimentos da linguagem.  
Vejamos por exemplo: poderás  
Me dizer uma lista dos quadrúpedes  
Do sexo masculino?

**Estrepsíades**

Muito fácil.

O carneiro, o cavalo, o touro, o galo...

**Sócrates**

Nomeie, agora, as fêmeas desses machos.

**Estrepsíades**

A ovelha e a égua e a vaca e a gala.

**Sócrates**

Pode parar aí. Tu cometeste  
Um grave solecismo. Galo, gala!

**Estrepsíades**

Tens razão. Que burrice cometil!

**Sócrates**

Indispensável é que tu aprendas  
A distinguir pela terminação  
O que é masculino e o feminino,  
De outro modo, verás que confusão.

***Estrepsíades***

Tudo isso é muito certo. Mas me dize  
Como me valerá para o que eu quero?

***Sócrates***

Trata de refletir, raciocinar.  
Vai te deitar no teu colchão e trata  
De lucubrar o caso.

***Estrepsíades***

Eu não podia  
Então lubrificar mesmo no chão?

***Sócrates***

Permissão recusada.

***Estrepsíades***

Oh que destino!  
Estão me devorando os percevejos.

*(Estrepsíades se mete sob as infestadas cobertas, enquanto Sócrates canta para encorajá-lo.)*

***Sócrates***

Concentra primeiro,  
Depois raciocina,  
Concentra de novo.

Lucubra em seguida,  
Depois especula,  
Rumina afinal.

Se sentes cansaço,  
Sê forte, resiste  
E fica acordado.

Em suma, reflete,  
Rumina, especula,  
Mas sempre deitado!

Companheiro do Sono, vinde, vinde!  
Ó Dor!

***Estrepsíades***

Ai! Ai! Ai! Ai! Ai! Ai! Ai! Ai!

***Sócrates***

Que tens? O que afinal te está ficando?

**Estrepsíades**

Ah! Se fosse fincando!  
Estão me devorando!  
Malditos percevejos!  
Mordem meu corpo todo,  
Chupam meu sangue todo,  
Estão me assassinando!

**Sócrates**

Meu velho, calma. Não lamente tanto.

**Estrepsíades**

Queres que eu não lamente?  
Quando estou sem dinheiro  
E já sem pele estou?  
Quando torço de dor  
E o meu sangue secou?

*(Há um breve intervalo de silêncio, durante o qual Estrepsíades geme e se contorce sob as cobertas. Depois Sócrates levanta uma das peles de carneiro que serve de coberta e olha embaixo.)*

**Sócrates**

De lucubrar paraste, meu amigo?

**Estrepsíades**

De modo algum!

**Sócrates**

Que refletiste, então,  
É evidente. Sobre o que refletiste?

**Estrepsíades**

Fiquei imaginando o tempo todo  
Se um meio de descobrir não poderia  
De me livrar dos percevejos.

**Sócrates**

Ora!  
O que é isso, seu bobo? Não te vexes.  
Põe de novo a coberta e te esforças agora  
No que buscas de fato. Aqui vieste  
Para estudar um meio eficiente  
De frustrar teus credores e esbulhá-los.

**Estrepsíades**

Quem esbulhando quem? É isso, Sócrates,  
Que eu queria saber.

*(Segue-se outro breve silêncio.)*

**Sócrates**

Hum! Que será  
Que ele agora aprontou? Ora, vejamos

*(Levanta a pele de carneiro e olha embaixo.)*

Dormindo está de novo no trabalho?

**Estrepsíades**

Não, por Apolo não estou dormindo.

**Sócrates**

Já teve alguma idéia?

**Estrepsíades**

Não, nenhuma.

**Sócrates**

Deves ter encontrado alguma coisa.

**Estrepsíades**

Apenas o que tenho em minha mão.

**Sócrates**

Bufão! Vamos, bufão! Pensa, cogita!

**Estrepsíades**

Mas, caro Sócrates, cogitar o quê?

**Sócrates**

Acerca do que queres conhecer.  
Cogita logo e dize-me depois.

**Estrepsíades**

Já disse dez mil vezes o que quero:  
Livrar-me dos credores. Cancelar  
Todas as minhas dívidas. Ouviste?

**Sócrates**

Ouvi. Deita, portanto, novamente.

*(Com certa relutância, Estrepsíades se mete debaixo da coberta.)*

Instila, agora, em tua mente, instila  
A mais etérea essência, permitindo  
Que as essências sutis do pensamento  
Penetrem em cada poro do problema.  
Bastando depois disso Analisar,  
Corrigir, Resumir e Definir.

**Estrepsíades** (*freneticamente, procurando livrar-se dos percevejos*)  
Uf! Que são demais estes bichinhos!

**Sócrates**

Pára com isso! Em caso de dilema,  
Visa a concatenar todos os dados,  
Medi-los e pesá-los, e em seguida  
O resultado compulsar por fim.

**Estrepsíades**

Óóóóó! Sócrates!

**Sócrates**

O quê?

**Estrepsíades**

*Eureka!*

Um meio achei de liquidar as dívidas!

**Sócrates**

Explica por favor que meio é esse.

**Estrepsíades**

Vou explicar. Supõe...

**Sócrates**

Supõe o quê?

**Estrepsíades**

Supõe que os serviços eu contrate  
De uma das feiticeiras da Tessália,  
E lhe ordene que ela encante a Lua  
Lá no alto do céu. E eu pego a Lua  
E depois de polida e bem polida,  
Eu a tranco afinal em uma caixa,  
Brilhando como um espelho.

**Sócrates**

E o que tu lucras?

**Estrepsíades**

É muito claro: não havendo Lua,  
Não haverá mais mês, e, desse modo,  
Não terei de pagar juros mensais.  
Os juros sempre vencem, não é mesmo?  
No exato dia em que termina o mês,  
Antes da lua nova. Compreendes?

**Sócrates**

És, certamente, um perfeito tratante.  
Mas vou propor-te um caso mais penoso.  
Suponhamos que estás ameaçado  
Por uma ação judicial valendo  
Cinco talentos. O problema é este:  
Como conseguirá invalidar  
A decisão?

**Estrepsíades**

Isso não sei ainda,  
Tenho de meditar sobre a questão.

**Sócrates**

Pois medita bastante. Mas cuidado:  
Não vás empanturrar a tua mente  
Com uma introspecção exagerada.  
Que, ao contrário, tua inteligência  
Possa sair em busca da verdade.

**Estrepsíades** (*iluminado de súbito*)

Achei, achei! Um logro formidável!  
Não poderás negar que é formidável!

**Sócrates**

Porém primeiro, por favor, expõe  
O que pretendes.

**Estrepsíades**

Tu nunca reparastes nas boticas  
Uma bonita pedra transparente  
Com ajuda da qual a gente queima  
Qualquer coisa?

**Sócrates**

Eu sei. Vidro de aumento.

**Estrepsíades**

Muito bem. Isso mesmo. Suponhamos:  
Levo comigo uma daquelas pedras;  
Quando do tribunal o secretário  
Estiver o meu caso registrando,  
Então eu atrás dele me coloco,  
E o Sol, por sua vez, atrás de mim.  
Queimo, letra por letra, a acusação.

**Sócrates**

Uma boa trapaça, não há dúvida.  
Mas vou te apresentar outro problema.

***Estrepsíades***

Pode dizer.

***Sócrates***

Supõe que tu encontres  
Em tal situação, sem ter defesa,  
Sem contares com uma testemunha  
Para enfrentar o pleito. O que farias?

***Estrepsíades***

Antes que meus credores recorressem  
Ao tribunal, eu me suicidaria.

***Sócrates***

És mesmo bobo. Que tolice é essa?

***Estrepsíades***

Bobagem é que não é, de modo algum.  
Pois a verdade é que não poderiam  
Acionar um defunto. Não é mesmo?

***Sócrates***

Idiota! Cretino! Eu não pretendo  
Perder contigo o precioso tempo.  
Teu Mestre não sou mais. Vai, vai-te embora!

***Estrepsíades***

Meu Mestre não és mais? Por quê?

*(Cai de joelhos, súplice.)*

Te imploro!

***Sócrates***

Mais depressa esqueces do que aprendes  
O que tanto me esforço para ensinar-te.  
Por exemplo: me dize, qual o assunto  
Da primeira lição que te ensinei?

***Estrepsíades***

A primeira lição? Deixa-me ver.  
A primeira?... É a primeira que tu queres?  
Ah! Já sei! Foi a fêmea do cavalo!

***Sócrates***

Idiota! Senil! Incompetente!  
Some da minha vista! Vai-te embora!

**Estrepsíades**

Deuses, deuses do céu! O que vai ser  
De mim agora? Pois estou perdido,  
Se da palavra o Dom me for negado.

*(Cai de joelhos diante do Coro.)*

Nuvens, cheias de graça, aconselhai-me.  
Dizei-me o que fazer.

**Corifaios**

Nosso conselho,  
Venerando senhor, é o seguinte.  
Não tens, acaso, um filho já crescido?  
Manda-o vir estudar em teu lugar.

**Estrepsíades**

É verdade, senhoras, tenho um filho.  
Mas é um homem fino, e, como tal,  
Detesta todo estudo. Nesse caso,  
O que posso fazer?

**Corifaios**

Ele é quem manda?

**Estrepsíades**

É um jovem convencido e malcriado.  
Ainda assim, porém, darei um jeito.  
Ou aceita as lições ou nunca mais  
Em minha casa põe os pés de novo!

*(Para Sócrates)*

Espera. Voltarei agora mesmo.

*(Sai Estrepsíades, entrando em sua casa.)*

**Coro**

Vede agora, podeis ver  
As muitas bênçãos e graças  
Que as nuvens trazem ao passar.

Por exemplo: esse idiota,  
Imbecil, asno sem conta,  
Cretino, burro sem par.

Mas deixai por nossa conta;  
Esse cretino, coitado,  
Não perde por esperar.

O peixe pegou a isca,  
Podemos limpar o peixe,  
Pra depois o peixe assar.

*(Sai Sócrates. Entra Estrepsíades, arrastando consigo Feidipides.)*

Fora daqui! Pela Condensação,  
Não podes ficar, não. Vai sustentar-te  
Com o dinheiro do bom tio Megacles!

**Feidipides**

O que tens, ó meu pai? Enlouqueceste?  
Onipotente Zeus, que disparate.

**Estrepsíades**

Repito eu. Um homem de tua idade  
Acreditando em Zeus! Muito engraçado!

**Feidipides**

Causa-me espécie, afeta a minha mente,  
Ver jovens como tu tão iletrados  
Quem enchem a cabeça de noções tão falsas.  
Agora, ouve, que vou te dizer  
Alguns segredos que fazer-te podem  
Ainda um homem culto e inteligente.  
Não te esqueças, porém: uma palavra  
Sequer podes falar do que ouvires.

**Feidipides**

Uma palavra?

**Estrepsíades**

Não juraste por Zeus?

**Feidipides**

Jurei, e então?

**Estrepsíades**

Fica sabendo agora  
Um segredo tão só: Zeus não existe.

**Feidipides**

Não me digas, meu pai! Zeus não existe?

**Estrepsíades**

Não existe mais, não. Zeus foi banido.  
Só o Princípio da Convecção  
Tem o poder agora.

**Feidipides**

Impossível!

**Estrepsíades**

É a pura verdade, Feidipides.

**Feidipides**

E que te assegurou coisa tão séria?

**Estrepsíades**

Em primeiro lugar, o grande Sócrates  
E também o erudito Cairefonte,  
Grande conhecedor de pés de pulga.

**Feidipides**

E levaste a tolice até o ponto  
De nesses charlatões acreditar?

**Estrepsíades**

Cala-te, Feidipides! Que vergonha!  
Não quero, ouves bem? Não admito  
Que sem respeito assim tu te refiras  
A dois tão eminentes cientistas.  
Eminentes é pouco: geniais.  
E o que é mais: homens extraordinários,  
De tal maneira honestos e frugais,  
De conduta viril, tão espartana,  
Que eles dispensam o corte de cabelos,  
Os banhos, o asseio corporal,  
Como perda de tempo e de dinheiro,  
Enquanto tu, meu filho, tantas vezes  
Me obrigas a lavar-me, tantas vezes  
Que acho até que estou ficando gasto.  
Ouve o que digo agora. Vem, meu filho,  
Para o bem de teu pai, vem aprender.

**Feidipides**

O que ensinam, enfim, que valha a pena?

**Estrepsíades**

O quê? Todo o saber da humanidade  
Acumulado em séculos. Exemplo:  
A essência do saber e do agrião.

**Feidipides**

Agrião! Com efeito! E foi então  
Para aprender tal coisa que buscaste  
A lição desses mortos ambulantes?

***Estrepsíades***

Não. Me ensinaram muitas outras coisas,  
Interessantes, que porém (e é pena)  
Por um ouvido entraram e pelo outro  
Logo saíram.

***Feidípides***

E que, sem dúvida, explicam  
Como perdeste o manto.

***Estrepsíades***

Não perdi.  
Tirei-o.

***Feidípides***

E as sandálias aonde foram?

***Estrepsíades***

Quando foi indagado certa vez  
Aonde fora o dinheiro, o grande Péricles  
Respondeu: “Despendido com a despesa.  
Nada há explicar”. E agora, filho,  
Atende ao que te peço, depois podes  
O que tu muito bem quiseses.  
Compensa o que te fiz quando ainda eras  
Uma criança, e as tuas pirraças  
Tinha que obedecer. Ainda me lembro:  
No mesmo dia em que eu recebi  
Pela primeira vez na minha vida  
A remuneração como jurado,  
Gastei logo o dinheiro, para comprar  
Um carrinho que viste no mercado.

***Feidípides***

Está bem. Está bem. Faço o que queres.  
Mas tu irás arrepender um dia.

***Estrepsíades***

És um bom filho, obediente. Sócrates,  
Salve! Podes sair. Trouxe meu filho.  
Tudo vai correr bem, graças a ele.

*(Sócrates entra, saindo do Pensamental.)*

***Sócrates***

Ele é ainda um menino! De que modo  
Um rapazinho como esse teu filho  
Pode operar o Cesto Pendurado?

**Feidípides**

Não será preferível, eu pergunto,  
Pendurar-te tu mesmo, e não o cesto?

**Estrepsíades**

Que desrespeito é esse? O Mestre insultas?

**Sócrates** (*arremedando Feidípides*)

“E não o cesto?” É tão engraçadinho  
Esse menino! E tão adiantado!  
Já sabe caminhar. Já faz beicinho.  
Ora! Como esperar que um feto desses  
Vá aprender as artes da Intriga,  
Do Falso Testemunho, da Trapaça,  
Do Subterfúgio e da Difamação?  
Se bem que a confessar sou obrigado  
Que não falta ao caso um precedente.  
Até o próprio Hipérbolos, é certo,  
Pôde aprender as manhas do negócio,  
Em troca de soberbos honorários.

**Estrepsíades**

Não te preocupes, Sócrates. O jovem  
É um filósofo nato, podes crer.  
Desde muito pequeno ele mostrava  
Inteligência e muita habilidade,  
Fazendo coisas muito interessantes:  
Com pedaços de couro modelava  
Casinhas de bonecas e barquinhos,  
E com cascas de fruta ele fazia  
Uns sapos que eram mesmo uma gracinha.  
É também, por sinal, muito instruído.  
Pode ensinar-lhe, pois, as duas Lógicas:  
A Filosófica, que é tradicional,  
E a Lógica Sofística moderna  
Também chamada Lógica Imoral,  
Que pode ser menos moral que a outra,  
Porém é muito mais eficiente.  
De qualquer forma, se ele se mostrar  
Incapaz de aprender ambas as Lógicas,  
Faço questão, e sei que isso ele aprende:  
A maneira imoral de argumentar.

**Sócrates**

Pessoalmente ele será instruído  
Pela Filosofia e também  
Pelo Sofisma. Solicito, agora,  
Licença para sair.

### **Estrepsíades**

Lembra-te, Sócrates:

Quero-o capaz de rir-se da verdade.

*(Sai Sócrates. Depois de sua saída, a Porta do Pensamental e a Filosofia e o Sofisma são trazidos dentro de gaiolas douradas dispostas sobre rodas. Dos ombros para baixo, são ambos humanos. Dos ombros para cima, são galos de briga. A Filosofia (ou a Lógica Tradicional) é um galo grande, musculoso, robusto, mas não pesado, expressando em seus movimentos a harmonia e a graça interiores e a dignidade que a Educação Antiga era capaz de produzir. O Sofisma, ao contrário, é relativamente franzino, de ombros caídos, de uma palidez doentia, com uma enorme língua e um falo desproporcionalmente grande. Seu corpo é pouco elegante, mas dotado de movimentos extremamente rápidos; todos os seus movimentos revelam uma desafiadora belicosidade, e a sua plumagem é brilhante até o ponto de cintilar. O debate teve de ser travado a grande velocidade, com muitas bicadas e esporadas. Quando os Criados abrem as portas das gaiolas, os galos de briga saem e começam a rodear um ao outro, procurando tomar posição para o embate.)*

### **Filosofia**

Vamos, vamos, Penosa Impertinência,  
E diante assim do respeitável público,  
Faze uma respeitosa reverência.  
Gostas de pimponar. Está na hora.

### **Sofisma**

Está mesmo na hora, Massa Informe,  
Quanto maior a multidão, maior  
O prazer de poder, diante dela,  
Te refutar.

### **Filosofia**

Tem graça. Refutar-me!  
Quem pensas que tu és?

### **Sofisma**

Sou uma Lógica.

### **Filosofia**

Tu, uma Lógica, vil Loquacidade?  
Palavrório vazio!

### **Sofisma**

Não me importo  
Ser chamado de Sofisma. Eu te liquido.  
Vou refutar-te.

### **Filosofia**

Com o que não é convencional, e ainda  
Com o ultramodernismo, e assim também

Com idéias de todo heterodoxas.

**Filosofia**

Essa moda que ora predomina  
Devemos a essa corja de imbecis...

**Sofisma**

Imbecis? Cavalheiros requintados.

**Filosofia**

Eu te invalidarei.

**Sofisma**

Invalidar-me?  
Que estás pensando, seu defunto andante?

**Filosofia**

Meus argumentos são, convém saber,  
A Verdade e a Justiça.

**Sofisma**

Eu te desarmo.  
E te derroto, com Justiça e tudo.  
Não existe a Justiça.

**Filosofia**

Não existe?  
Tem graça!

**Sofisma**

Então, me mostra onde ela está.

**Filosofia**

Onde está a Justiça? Muito fácil:  
No regaço dos deuses.

**Sofisma**

No regaço  
Dos deuses? Então podes me explicar  
Como Zeus escapou da punição,  
Depois de ter prendido o próprio pai?  
A incoerência é clara como a água.

**Filosofia**

Tagarela asqueroso! Tu me enjoas!

**Sofisma**

Decrépito! Senil! Velho caduco!

**Filosofia**

Pederasta precoce! Perverso!

**Sofisma**

Pode atirar-me roas e mancheias.

**Filosofia**

Ó cogumelo vil! Ó vil latrina!

**Sofisma**

Com uma coroa de viçosos lírios  
A minha fronte cinge.

**Filosofia**

Parricida!

**Sofisma**

Uma chuva de ouro sobre mim  
Faze cair. Não vês que eu me deleito  
Com os teus insultos?

**Filosofia**

Te deleitas, monstro?  
Em meu tempo, eu teria te cingido  
De vergonha.

**Sofisma**

Porém hás de convir  
Que hoje as coisas mudaram. O que era errado  
No teu tempo, é o certo e a moda agora.

**Filosofia**

Fedelho repulsivo!

**Sofisma**

Vil pedante!

**Filosofia**

Por tua culpa só e tão-somente  
As escolas de Atenas estão vazias.  
E por isso, ociosa e perversa,  
Toda uma geração nas ruas vaga.  
Escuta o que te digo: no futuro  
Saberá a cidade o que fizeste:  
Os seus filhos viris tu os tornaste  
Tolos e efeminados.

**Sofisma**

Idiota!

**Filosofia**

Enquanto isso, por tua vez, viraste  
Um peralvilho muito presunçoso,  
Mas me recorde bem de teu começo  
Humilde e triste, em que representavas  
Bem igual a Telefos, embrulhado  
No trapo e no farrapo euripediano.

**Sofisma**

Quanta sabedoria havia ali!

**Filosofia**

E que prodígio de loucura aqui!  
Tua loucura, e, mais louca que tu,  
Esta cidade, pois só louca pode  
Permitir que tu vivas, miserável,  
Corruptor de sua juventude!

**Sofisma** *(lançando uma asa em torno de Feidipides)*

Fica sabendo, seu Defunto Vivo,  
Que a este aluno jamais ensinarás.

**Filosofia** *(puxando Feidipides para trás)*

Hei de ser o seu Mestre, a menos que  
Se dedique à carreira da sandice.

**Sofisma**

Vá esperando. Vem comigo, jovem.

**Filosofia**

Para à desgraça caminhar?

**Corifaios** *(intervindo)*

Senhores!  
Chega de altercações e de injúrias.  
Que cada um, por sua vez, exponha  
Seus argumentos. Tu, Escola Antiga,  
Descreve, com clareza e cortesia,  
Como ensinaste os homens do passado,  
E tu descreve a Nova Educação.

**Filosofia**

Apoio essa proposta.

**Sofisma**

E eu também.

**Corifaios**

Muito bem. Qual dos dois fala primeiro?

### **Sofisma**

Que ele comece. Ficarei ouvindo.  
Depois, porém, que ele tiver falado,  
Lançarei sobre ele esmagadora  
Concentração do Pensamento Novo  
E dos Pontos de Vista Derradeiros,  
Que vão deixá-lo sem poder falar.

### **Coro**

Com atenção ouçamos. Afinal  
A Grande Discussão vai começar.  
Entre os dois decididos campeões  
Quem vai ganhar ninguém pode saber.  
Ambos são hábeis, destros e sutis,  
Mestres no ataque e na defesa, mestres  
No insulto soez e na agressão.  
Do pleito o prêmio é a Sabedoria.  
Da perícia dos dois contendores  
O destino depende inteiramente  
Do idioma e da mentalidade,  
Da educação, enfim, de toda Atenas.

### **Corifaios**

Tem a palavra a Filosofia.  
Fala, portanto, ó tu, que conferiste  
A virtude às antigas gerações.  
Fala com confiança, e nos explica  
O que na realidade representas.

### **Filosofia**

Quero falar da Educação Antiga,  
E como floresceu nos velhos tempos  
Dirigida por mim. A Honestidade  
Sem atavios, a Linguagem Clara  
E a Verdade eram honradas, praticadas.  
E em todas as escolas de Atenas  
Se seguia o regime dos três DD:  
Disciplina, Decoro e Dever.  
O programa era a Música e a Ginástica,  
Ensinadas de acordo com o ditado:  
“As crianças são vistas, não ouvidas”.  
Este era o princípio cardeal.  
Os alunos, em grupos divididos,  
Conforme a região de onde vinham,  
Em esquadras marchavam para a escola  
Disciplinados e silenciosos.  
E eram jovens bem fortes, resistentes.  
Mesmo em manhãs de inverno, quando a neve  
Caía, a sua única proteção  
Contra o rigor do tempo era uma túnica

Muito leve e bem fina. E nas salas  
De aula eram os alunos colocados  
Em filas e de pé, e muitos atentos  
Escutavam as lições e as repetiam  
Muitas vezes, de cor, seguidamente.  
A própria música era tradicional:  
Entoavam-se, então, hinos e cânticos  
Bem conhecidos, como, por exemplo,  
O que começa: “Uma voz vem de longe”  
Ou “Salve, Palas ultriz” e outros cantos  
De uma simplicidade que encantava.  
Brincadeiras na aula eram severa  
E decididamente proibidas.  
Aqueles que quisessem improvisar  
Ou usar os torneios e trinados  
Então em voga na degenerada  
E efeminada escola de Frinis,  
Eram severamente castigados  
Por ultrajaram as Musas. No ginásio,  
Também todo o decoro era exigido.  
Nus em pelo os alunos reunidos  
Pudicamente as pernas estendiam  
Para frente, dos olhos curiosos  
Escondendo a nudez. Tão recatados  
Eram os jovens então, que sempre tinham  
O cuidado de bem limpo deixarem  
O lugar onde tinham se sentado,  
Para que acaso o traço sobre a areia  
Por suas próprias nádegas deixado  
Chegar não fosse a provocar desejos.  
Era proibido ungir com óleo o corpo  
Para cima do umbigo, e, em conseqüência,  
O órgão genital era mantido  
Com toda a exuberância juvenil.  
Para os amantes o comportamento  
De todos eles era bem viril.  
Não eram vistos em pares aos cochichos,  
Nem soltando gritinhos nem olhares  
Provocantes lançarem, requebrando.  
Na mesa, a educação e a cortesia  
Eram cumpridas rigorosamente.  
Nenhum jovem jamais se atreveria  
A salada sequer provar, sem antes  
Terem sido servidos os adultos.  
Comida temperada era proibida.  
Proibido também dar gargalhadas  
Ou as pernas cruzar...

### **Sofisma**

Quanta bobagem!

### **Filosofia**

Bobagem? Esses preceitos produziram  
Os heróis que venceram a Maratona.

*(ao Sofisma)*

E tu o que ensinas? A modéstia?  
Apenas a vaidade e a frouxidão.  
A beleza do corpo nu oculta  
Por pesadas e feias vestimentas,  
Pouco viris também. Fico enojado  
Se nas Panetenéias vejo os jovens  
Dançarem do seu corpo envergonhados.  
Esquecendo, de fato, o seu dever  
Para com os nossos deuses, quando atrás  
Dos seus escudos a nudez escondem.

*(A Feidípides)*

Eu te convoco, jovem. Vira as costas  
À atração do vício, às artimanhas  
Dos tribunais e à fácil, preguiçosa  
Corrupção dos banhos. Ao contrário  
Escolhe a Antiga Educação, baseada  
Na sã Filosofia. Jovem, segue-me  
E dos meus lábios, sem temor, aprende  
As virtudes do homem: a mente sã,  
A decência e a inocência que não vão  
Permitir que do mal te aproximes.  
Que te sintas furioso, indignado,  
Quando a tua honra sentes ultrajada.  
Para com os mais velhos, deferência;  
Respeitar pai e mãe; manter intacta  
A imagem de modéstia assaz viril  
Que servirá de guia em tua vida.  
Sê puro, evita os sórdidos bordéis,  
O amor prostituído, que corrompe  
Teu caráter viril, e que rebaixa  
Tua reputação. Para teu pai  
Mostres sempre total obediência.  
Respeita o fim da vida de quem antes  
Te criou, te tratou, quando mais moço.  
Jamais o chame de velho ou caduco...

### **Sofisma**

Meu jovem, se seguires tais conselhos,  
Acabarás ficando efeminado

Como os filhos de Hipócrates. Cuidado!

### **Filosofia**

Muito ao contrário disso, eu te prometo,  
Não discussões estéreis, não pendências  
Judiciais repletas de chicana,  
E sim lutas atléticas, viris,  
Disputadas por jovens musculosos  
Repletos de vigor e de saúde.  
Parece-me ver-te agora, em um idílio  
Com outro jovem de tua mesma idade,  
Tão modesto e viril como tu mesmo,  
Caminhando talvez na Academia,  
Ou entre os olivais, ambos coroados  
De pâmpano e respirando o ar sadio  
Da primavera, a súbita fragrância  
Do início da estação. Portanto, ó jovem,  
Segue os meus passos e conquistarás  
A perfeição do físico, a saber

*(Demonstrando cada tributo individualmente)*

FORMA, Estupenda.  
CÚTIS, Magnífica.  
OMBROS, Gigantes.  
LÍNGUA, Bem Pequena.  
NÁDEGAS, Robustas.  
PÊNIS, Discreto.  
Se sepires, porém, a outra parte,  
É esta a recompensa que terás:  
FORMA, Efeminada.  
CÚTIS, Macilenta.  
OMBROS, Caídos.  
LÍNGUA, Enorme.  
NÁDEGAS, Molengas.  
PÊNIS, Desprezível!  
Mas é verdade que terás também  
Muitos e dedicados partidários.  
E o que é pior, irás acostumar-te  
A zombar da moral, não distinguindo  
O bem do mal e o mal do bem. Em suma  
Coberto ficarás de vilania,  
Indecência, desonra e perversão.

### **Coro**

- Bravo! Que brilho! Que vigor! Que belo!  
Que saber! Que modéstia! Que decoro!  
Nem uma só palavra desperdiçada!  
Felizes foram aqueles cujas vidas  
Nas virtudes antigas se apoiaram!

*(Para o Sofisma)*

A despeito de tua sutileza,  
De tua habilidade, tem cuidado.  
Teu rival conseguiu lavrar um tento.  
Muito vigor precisas para vencê-lo.  
Podes falar agora. A vez é tua.

### **Corifaios**

A não ser que prepares com cuidado  
Tua estratégia e, ferozmente, ataques,  
Terás perdido a causa, e saíras  
Daqui como motivo de chacota.

### **Sofisma**

Até que enfim! Se mais alguns minutos  
Tivesse que esperar, eu morreria  
Até, de impaciência, do desejo  
De refutar e de arrasar o outro.  
Muito bem. Pra começo de conversa,  
Tenho de admitir que, entre os letrados  
E os pedantes, costumo ser chamado  
- Pejorativamente algumas vezes -  
De Lógica Sofística, Imoral.  
E por quê? Porque eu fui o primeiro  
A construir um Método capaz  
De subverter as Crenças Sociais  
De há muito respeitadas e seguidas  
E a Moral respeitada solapar.  
Além de tudo, uso um certo truque,  
Invençõzinha que a mim mesmo devo,  
Que é o de utilizar um argumento  
Que parece o pior dos argumentos,  
E acabar vencendo, no entanto.  
E essa minha invenção tem se mostrado  
Extremamente lucrativa como  
Fonte de rendimentos. Vede, agora,  
Como eu refuto a vã Filosofia.

*(Para a Filosofia)*

Em teu programa escolar proíbes  
Absolutamente os banhos quentes.  
Podes expor-me agora os argumentos  
Em que se funda tal proibição?

### **Filosofia**

O que mais poderia eu aduzir?  
Os banhos quentes fazem muito mal,

Tornam o homem frouxo, efeminado.

**Sofisma**

‘Não me digas mais nada. Isso é bastante.  
Estás em minhas mãos, completamente.  
Responde-me de pronto: quem dos filhos  
De Zeus foi mais valente, mais heróico?  
Quem mais aos sofrimentos resistiu?  
Quem executou as mais duras tarefas?

**Filosofia**

Na minha opinião, Héracles foi  
O maior dos heróis que o mundo viu.

**Sofisma**

Quando tu te referes aos famosos  
Banhos de Héracles, referindo estás  
A que espécie de banhos: frios, quentes?  
É claro que são quentes. Assim sendo,  
Por tua própria lógica era Héracles  
Efeminado e frouxo.

**Filosofia**

Idiotice!  
A tua lógica é dessas que se usam  
Entre esses jovens desfibrados, torpes,  
Que esvaziam os ginásios e enchem os banhos.

**Sofisma**

Muito bem. Prossigamos. Se quiseres  
Considerar a nacional paixão  
Pela política e pelo debate  
Um mal, muito ao contrário eu a aprovo.  
Se a política fosse razoavelmente  
Tão nefasta e tão má como sustentas,  
Então jamais o venerando Homero  
- Nosso guia e mentor quanto à Moral -  
Jamais, jamais teria retrato  
Nestor e outros velhos respeitáveis  
Como políticos. Não é mesmo claro?  
Agora examinemos a questão  
De estudarem os jovens a oratória,  
Coisa que eu defendo e tu condenas.  
Quanto ao Decoro e à Moderação,  
Estas próprias noções são absurdas.  
Acho mesmo difícil conceber  
Preconceitos tão tolos, ou melhor  
Mais que tolos: prejudiciais.  
Poderias, por acaso, me citar  
O exemplo de um homem que lucrou

Com a moderação? Um só exemplo.

### **Filosofia**

Os exemplos abundam. Eu citaria...  
Por exemplo, Peleu. Sua virtude  
Conquistou-lhe uma espada.

### **Sofisma**

Ora, uma espada!  
Que grande prêmio pra tão grande tolo!  
Vejam nosso Hipérbolos. Sem dúvida  
Virtude é coisa que ele nunca teve.  
No entanto, viveu à tripa forra,  
Teve dinheiro a rodo. Não espadas.  
Espada não combina com Hipérbolos.

### **Filosofia**

Além disso, porém, a castidade  
De Peleu conquistou o amor da deusa  
Tétis, que se tornou a sua esposa.

### **Sofisma**

Exatamente. Mas o que fez Tétis  
Depois do casamento? Despediu-o,  
Por ser frio demais, com espada e tudo.

(A *Feidípides*)

Eu te aconselho, jovem, a encarares  
Com cuidado o caminho da Virtude,  
Pois se acaso o seguires, não te esqueças:  
Despedirás de todos os prazeres  
Que hoje te deleitam. Por exemplo:  
Sexo, glotoneria, jogatina  
Badernas, bebedeiras etc.  
O que farás na vida, jovem e forte,  
Se deixares de lado tais deleites  
Essas pequenas alegrias? Pensa  
Em tuas naturais necessidades.  
Supões que, sendo exemplo da virtude,  
Cometas, algum dia, um pecadilho,  
Uma seduçãozinha, um adultério,  
E, por azar, tu sejas apanhado  
Com a boca na botija. Que farias?  
Tu estarias desmoralizado,  
Não poderias defender-te, é claro,  
Sem ter nunca aprendido como agir  
Em tal situação imprevisível.  
Segue, porém, os meus conselhos, jovem,  
E faz o que te dita a natureza.

Goza a vida, diverte-te e te rias  
Do mundo sem escrúpulos. Se acaso  
Em flagrante tu fores apanhado,  
Afirma simplesmente ao pobre corno  
Que não tens culpa, e invoca como exemplo  
O Zeus onipotente, que não pode  
Ver mulher sem tratar de conquistá-la.  
Se um tão grande e poderoso deus  
Não pode resistir, como querer  
Que um pobre mortal tenha a arrogância  
De ministrar ensinamentos de moral  
Aos deuses imortais? Não é possível.

**Filosofia**

Mas supõe que, aceitando o teu conselho,  
O teu discípulo seja condenado,  
Por adultério, a ter um rabanete  
Enterrado no reto? Por acaso  
Poderias salvá-lo?

**Sofisma**

Um rabanete!  
Achas mesmo, confessa, uma desgraça  
Tão grande ter um rabanete  
Enfiado no rabo?

**Filosofia**

Para mim  
Não pode haver nada mais degradante  
Do que ter um rabanete em tal lugar.

**Sofisma**

E o que dirias, se eu te derrotasse  
Neste campo também?

**Filosofia**

Nada diria.  
Não abriria nunca mais a boca.

**Sofisma**

O que achas que são nossos juristas?

**Filosofia**

Pederastas passivos.

**Sofisma**

Muito bem.  
E os poetas trágicos?

**Filosofia**  
O mesmo.

**Sofisma**  
Políticos?

**Filosofia**  
Também a mesma coisa.

**Sofisma**  
É assim? Pois então, agora olha  
Para a nossa audiência. Estás olhando?

**Filosofia**  
Estou. Atentamente.

**Sofisma**  
E o que tu vês;

**Filosofia**  
Muitos homens eu vejo, e quase todos  
Pederastas passivos.

*(Apontando para alguns indivíduos no público)*

Vê aqueles  
De cabelos compridos? Têm de ser.

**Sofisma**  
E agora dize, amigo, onde chegamos.

**Filosofia**  
Fui derrotado pelos Pederastas  
Passivos. Vou me retirar. Só isso.

*(Atira seu manto para o público)*

Tomai meu manto e recebei-me, ó vós,  
Pederastas Passivos. Terminou.

*(Visivelmente furioso, Filosofia desaparece em sua gaiola, que é empurrada para dentro do Pensamental, no mesmo momento em que Sócrates sai de lá.)*

**Sócrates**  
Que decidiste, então? Levar teu filho  
Ou deixá-lo aqui para aprender  
A Arte da Chicana?

**Estrepsíades**  
Pode ensiná-lo,

Castigá-lo, também. Mas não te esqueças:  
Quero que a sua língua fique, em suma,  
Tão afiada como uma navalha.  
Do lado esquerdo afia-a para as causas  
Particulares, porém, do direito  
Para os Negócios Públicos e as grandes  
Ocasões e Oportunidades.

**Sócrates**

Podes ficar tranqüilo. Eu te prometo  
Que ele será, quando voltar pra casa,  
Um perfeito sofista.

**Feidipides**

Que canalha!

*(Saem Sócrates e Feidipides, entrando no Pensamental)*

**Corifaios**

Muito bem. Pode entrar.

*(A Estrepsíades)*

Ainda irás  
Muito te arrepender do que fizeste.

*(Sai Estrepsíades, entrando em sua própria casa, enquanto o Coro se vira abruptamente e olha o público.)*

E agora, permiti, Nobres Juízes,  
Que umas poucas palavras nós digamos  
A respeito do Prêmio e das vantagens  
Que podeis ter “As Nuvens” premiando.  
Em primeiro lugar, quando chegar  
A Primavera, ocasião de serem  
Os campos bem arados, prometemos  
Fazer com que todos os vossos campos  
Tenham a prioridade assegurada  
Nas chuvas que caírem. E além disso,  
Aos vinhais e pomares garantimos  
Um tempo bom, sem seca nem excesso  
De chuvas e umidade. Se, porém,  
Algum mortal da nossa divindade  
Se atrever a zombar, será punido.  
Sem chuva, em suas terras ressecadas  
Não há de germinar uma semente.  
Nos vinhais, nos pomares, uma fruta  
Sequer há de chegar a ser madura.  
E quando o oleiro os seus tijolos queime,  
De água cobriremos o seu forno

E a chuva apagará de todo o fogo.  
Se ele próprio, os parentes, os amigos  
Tentarem celebrar um casamento,  
Não vamos permitir com tanta chuva.  
Fique bem claro que melhor seria  
Para alguém ser torrado ao sol do Egito  
Do que votar errado neste dia!

*(Entra Estrepsíades, saindo de casa, e contando na ponta dos dedos.)*

Cinco, quatro, três dias, dois, depois  
Aquele dia que, de todos eles,  
É o dia que mais temo em todo o mês:  
O da lua minguante e lua nova,  
Quando os credores todos da cidade  
A cobrar o que evo estão dispostos,  
Levando-me, pra isso, aos tribunais  
E me arruinando inteiramente.  
Quando lhes peço para serem humanos,  
Recebendo por conta alguma coisa  
E o principal para depois deixando,  
Me chamam de velhaco e de tratante  
E querem tudo receber. No entanto,  
Se Feidípides tiver aprendido  
A bem falar, eu não terei mais medo  
Dos credores e suas ameaças.  
Basta bater na porta e terei logo  
A devida resposta.

*(Bate na porta de Sócrates e grita)*

Olá, porteiro!

*(Sócrates abre a porta.)*

**Sócrates**

Ah! É Estrepsíades. Saúde!

**Estrepsíades**

O mesmo para ti. Aqui está  
Um modesto sinal da minha estima.  
Pode chamá-lo de honorário. Os Mestres  
Costumam receber os honorários.

*(Encolhendo a mão que tem a bolsa de dinheiro.)*

Mas espere. Já aprendeu Feidípides mesmo  
A Retórica que ainda há pouco tempo  
Foi para nós exposta?

**Sócrates** (*pegando a bolsa*)  
Aprendeu bem.

**Estrepsíades**  
Ó grande deusa da Trapaça!

**Sócrates**  
Agora  
Ele pode evitar qualquer ação  
Judicial que queiras.

**Estrepsíades**  
Realmente?  
Mesmo quando se trata de dinheiro  
Emprestado diante de testemunhas?

**Sócrates**  
Mesmo mil testemunhas. Quanto mais,  
Mais divertido há de ser no fim.

**Estrepsíades** (*parodiando*)  
Que muito alta, a minha voz  
Entoe cânticos joviais.  
Chorai, chorai, ó agiotas,  
Vós que emprestais, rangei os dentes,  
Vós que lucrais os altos juros.  
Eis que surgiu em minha casa  
Um filho bom, língua afiada  
Como navalha de dois gumes.  
Salve, ó herói da minha casa,  
Que libertaste o meu lar,  
Que escorraçaste os inimigos  
E aliviaste a dor de um pai!  
Avante filho! Avante, filho!  
Sai triunfante do meu lar,  
Teu pai ajuda, por favor!

*(Feidípides, a própria imagem da “juventude moderna”, sai do Pensamental, com ar de desdém.)*

**Sócrates**  
Eis o homem!

**Estrepsíades**  
Meu filho, que alegria!

**Sócrates**  
Pode levá-lo.

***Estrepsíades***

Oh meu filho! Oh!  
Com que alegria olho teu rosto pálido,  
Tua fisionomia que parece  
Refletir negativas e chicanas!  
Como lembres a réplica forense,  
O grande distintivo nacional.  
Sendo, de certo, espertalhão perfeito,  
E com cara de vítima, no entanto.  
E essa lividez em tuas faces!  
Realmente uma tez ateniense!  
Muito bem. Como tu me arruinaste,  
Agora te compete socorrer-me.

***Feidípides***

O que afinal de contas te ameaça?

***Estrepsíades***

Tuas malditas dívidas e a data.  
Hoje é o dia que é último e primeiro.

***Feidípides***

Como pode ser último e primeiro?

***Estrepsíades***

Sei lá. Somente sei que hoje é o dia  
Em que a lei determina que os credores  
Depositam a fiança na justiça  
A fim de acionarem os devedores.

***Feidípides***

Perderão a fiança, pois é claro  
Não pode ser um dia ao mesmo tempo  
O primeiro e o último.

***Estrepsíades***

É lei.

***Feidípides***

Então, eu acho que essa lei das dívidas  
Tem sido interpretada muito mal.

***Estrepsíades***

É mal interpretada? Como assim?

***Feidípides (enigmaticamente)***

Amava muito o povo o velho Sólon.

***Estrepsíades***

E o que tem isso a ver com o pagamento?

***Feidípides***

É muito fácil responder: se o velho Sólon amava o povo de verdade Que gostava mais dos pobres, Que são a maioria, que dos ricos, E assim, o devedor, naturalmente, Mais do que do credor. Por conseguinte Não haveria de marcar dois dias A favor do credor, e sim dois dias O devedor favorecendo. Assim Sendo impossível ao credor mover Uma ação contra o outro, pois no último Dia do mês, isto é, da lua cheia, Teria de fazer a garantia Em dinheiro, perante o tribunal Para mover a ação. Coisa impossível Pois só no outro dia, isto é, o primeiro, Obrigada seria a outra parte A saldar sua dívida.

***Estrepsíades***

No entanto, Os magistrados mandam o devedor Pagar no último, isto é, primeiro dia, Não no dia seguinte, mas na véspera. Por que é que fazem isso?

***Feidípides***

Justamente Por serem magistrados. Como tais São tão gananciosos que só pensam Em receber de pronto a percentagem Que lhes cabe nas custas processuais. Mas é claro que o seu procedimento É de todo ilegal.

***Estrepsíades (perplexo)***

É mesmo, filho?

*(Subitamente iluminado)*

Muito bem! Muito bem!

*(Voltando-se para o público)*

E vós, aí?

Sim, vós mesmos, cretinos! Vós carneiros

Com cabeças de pombo! Presa fácil  
Do palavroso esperto e do sofista.  
Cambada de idiotas! Tenho dito.  
E agora cabe bem uma canção  
Que eu compus, como homenagem justa  
Ao meu querido filho e a mim mesmo,  
Com os mais calorosos parabéns  
Pelo nosso sucesso. Todos prontos?

*(Cantando e dançando)*

Estrepsíades, Estrepsíades,  
Não há ninguém igual a ti!  
Ele com Sócrates estudou,  
Todos sofismas aprendeu.  
É mais esperto do que Eurípedes,  
Tal é meu filho!  
Melhor que ele  
Apenas eu.

*(A Feidípides)*

Quando nos tribunais tu derrotares  
Os meus credores, a cidade inteira  
Vai me invejar. Avante, pois, meu filho!

*(Saem Estrepsíades e Feidípides, entrando na casa. Um momento mais tarde, entra Pásias, com sua testemunha, trazendo um mandado contra Estrepsíades. Homem esbanjador, bebedor e comilão. Pásias é grotescamente gordo. De bom gênio, sabe que tem de enfrentar uma tarefa difícil e vem armado com um garrafão de vinho, do qual de vez em quando toma um gole, para se fortalecer.)*

**Pásias**

O que devo fazer? De mão beijada  
Entregar o dinheiro que ganhei  
Com esforço, o suado dinheirinho?

*(Algo em suas próprias palavras o faz lembrar que está precisando de um gole, e de um bom gole.)*

Este meu grande coração! Sou bobo!  
Preciso ser mais duro! E hei de ser!

*(Fortalece-se com um gole.)*

Se eu tivesse negado a atendê-lo  
Quando me procurou, não estaria  
Metido até os pés nesta enrascada.

*(Para a testemunha)*

Trouxe-te até aqui para servires  
De testemunha, quase contra a tua  
Vontade, e o que é pior, vou me tornar  
Inimigo do velho Estrepsíades  
Para o resto da vida. Só bebendo  
Mais outro gole.

*(Fortalece-se com outro gole.)*

Mas eu não desisto.  
Vou cobrar do velho. Eis que Atenas  
Assim espera, e não dirás que Pásias  
Desrespeitou a Honra Nacional.

*(Grita na porta da casa)*

Estou te acionando, Estrepsíades!

**Estrepsíades** *(aparecendo na porta)*  
Está aí alguém que me procura?

**Pásias**

Sou eu. Vim te cobrar.

**Estrepsíades**

Cobrar o quê?

**Pásias**

Ora! O dinheiro que eu te emprestei  
Para comprares um cavalo.

**Estrepsíades**

Eu?!

Eu detesto cavalos. Todo o mundo  
Sabe disso. Tu podes perguntar  
A quem quiseres. Todo o mundo sabe.

**Pásias**

Mas tu juraste que me pagarias!  
Juraste pelos deuses!

**Estrepsíades**

Pois agora,  
Juro que não jurei. De qualquer modo,  
Tudo aquilo foi antes de meu filho  
Ter aprendido a Ciência do Argumento  
Irrespondível.

**Pásias**

É por isso então  
Que não pagas?

**Estrepsíades**

E onde encontrarias  
Argumento melhor? Tenho o direito  
De ser devidamente compensado  
Pelo que despendi para educá-lo.

**Pásias**

E estás mesmo disposto a perjurar  
Quando juraste pelos deuses?

**Estrepsíades**

Deuses?  
Que deuses?

**Pásias**

Ora! Zeus, Poseidon, Hermes.

**Estrepsíades**

Então, pior para eles, se jurei.  
Jurei e perjurei, amo o perjúrio.

**Pásias**

Trapaceiro! Malandro! Mentiroso!

**Estrepsíades** (*Cutucando a barriga de Pásias*)

Que pança, sim senhor! Que respeitável!

**Pásias**

Pelos deuses, esta é a última gota!

**Estrepsíades**

Que pança! É uma barrica direitinho!

**Pásias**

Ó Zeus! Ó deuses todos das alturas!  
Não penses que tu vais, Estrepsíades,  
Escapar desta vez como pretendes.  
Não vais, não vais, por Zeus e os deuses todos!

**Estrepsíades**

Bem me importo contigo e com os teus deuses!  
Zeus é uma burla para quem raciocina.

**Pásias**

Por Zeus, tu vais te arrepender, patife.  
E agora dize-me a última palavra.

Vais me pagar ou não? Dá a resposta.  
E hei de me retirar logo que o faças.

***Estrepsíades***

Espera um pouco, então. Voltarei logo  
E te direi a decisão final.

*(Estrepsíades entre apressadamente em casa.)*

***Pásias (para a Testemunha)***

O que estará ele fazendo? Achas  
Que vai mesmo pagar o que me deve?

***Estrepsíades (reaparecendo fora de casa, trazendo na mão um grande cesto)***  
Que é de meu credor? Ah! Ei-lo aqui.

*(Empunhando o cesto diante do rosto de Pásias)*

Queres dizer-me o que é isto?

***Pásias***

Um cesto.

***Estrepsíades***

Um cesto? Como, ignorante assim,  
Tu te atreves a vir aqui dizer-me  
Que te devo pagar? Que argumentos  
Serás capaz de apresentar, a fim  
De tua pretensão justificares?  
Jamais darei de meu dinheiro um níquel  
A um homem tão letrado, que não sabe  
Uma cesta de um cesto distinguir.  
Escuta aqui, bolota e toucinho,  
Por que, em vez de grunhir, não te derretes?

*(Ameaça bater em Pásias com a cesta.)*

***Pásias***

Vou mesmo retirar-me. Mas eu juro  
Pelos deuses, que vou agora mesmo  
Minha queixa levar ao magistrado,  
Ou não me chamo Pásias!

***Estrepsíades***

Pobre Pásias!  
Além de tantos outros prejuízos,  
Vais perder a fiança judicial.  
Para falar a verdade, eu nem queria  
Ver-te sofrendo tanto só porque  
Não conheces um pinga de gramática.

*(Bate na cabeça de Pásias com a cesta.)*

Cesta! Cesta, e não cesto. Não te esqueças!

*(Pásias sai correndo, perseguido por Estrepsíades. Um pouco depois, ouvem-se, vindos de fora do palco, gemidos e gritos horríveis, seguidos pela patética entrada de Amnias, jogador e efeminado, que acaba de ter tido um acidente com seu carro e entra em estado miserável: a cabeça coberta de sangue, as roupas rasgadas, enquanto as suas palavras, delirante mistura de retórica trágica e acentuado ceceio, são quase ininteligíveis.)*

Aminias

Ai! Ai! Ai! Pobre de mim! Ai! Ai! Ai!

Estrepsíades

Deuses do céu! Que gritaria é essa?

Quem és tu? Por que toda essa algazarra?

Lamuriento assim e gemebundo,

Até paraces um daqueles deuses

Sofridos das tragédias de Carquinos.

Aminias

Saber queres quiçá quão alto eu seja?

Sabei, pois, e o saber te inspire:

Sou homem valoroso, mas infausto,

Pela Adversidade perseguido.

**Estrepsíades**

Desinfeta o terreno, então, seu coisa!

Aminias

Ó dia negro! Ó trágico destino!

Como sofrer o que sofri, ó Palas!

Ó quão desventurada a minha sorte!

Estrepsíades

Já sei. És um ator e estás querendo

Que eu adivinhe o que representas.

Que é um papel feminino não há dúvida.

Mas é claro! É o papel de Alcmene

Na Peça de Xenocles, e estás

Do teu saudoso irmão chorando a morte.

Aminias

Chega de palhaçadas. É melhor

Pedires a teu filho que me pague

O que me deve. Estou, como tu vês,

Em pavoroso estado. Quase morro!

Estrepsíades  
Não estou compreendendo. Quem te deve?

Aminias  
Teu filho, Feidipides. O dinheiro  
Que pediu emprestado em minha mão.

Estrepsíades  
Tens razão. Realmente tu te encontras  
Em pavoroso estado. Nem entendo.

Aminias  
Mas eu entendo bem. Fui atirado,  
Quando a caminho estava desta casa,  
Pra fora do meu carro. Brutalmente  
Atirado bem longe. Coisa horrível.

Estrepsíades  
Agora compreendo. Então, foi isso.  
Deves ter te ferido na cabeça.  
Isso explica a conversa sobre a dívida.

Aminias  
O que queres dizer com isso? Explica.

Estrepsíades  
É evidente: um caso de delírio.  
Machucou os miolos certamente.

Aminias  
Machuquei os miolos?

Estrepsíades  
Não há dúvida.  
Provavelmente ficarás excêntrico  
Para o resto da vida. Assim eu penso.

Aminias  
Me paga o meu dinheiro! Assim eu penso.

Estrepsíades  
Pensas assim? É mesmo? Pois então,  
Eu quero te fazer uma pergunta.  
Tenho curiosidade de saber  
Qual é a teoria que preferes  
Para explicar as quedas pluviais.  
Tu achas que o fenômeno das chuvas  
Por precipitação melhor se explica  
De água fresca, totalmente nova,  
Ou, ao contrário, de água já usada

Em chuva anterior e renovada  
Em contínuo vaivém de sobe e desce.  
Devagar condensada pelas Nuvens  
Depois precipitada novamente?

Aminias  
Não acho coisa alguma. Que importa  
Saber se a água sobe e a água desce?

Estrepsíades  
Não te importas? É mesmo? Muito bem.  
E um ignorantão igual a ti,  
Que não sabe os segredos da ciência,  
Ter a ousadia de cobrar de mim,  
Homem letrado e sábio. É boa!

Aminias  
Escuta aqui. Se por acaso estás  
Desprevenido hoje e não poderes  
Fazer o pagamento, eu cobro os juros.

Estrepsíades  
Juros? O que entendes tu por juros?

Aminias  
Os juros não são mais do que a tendência  
Natural do dinheiro aplicado  
De se reproduzir, com a passagem  
Do tempo. E assim é mais do que claro  
Que os juros crescem, o capital aumenta.

Estrepsíades  
Quer dizer que, na tua opinião,  
Há mais água no mar atualmente  
Que no ano Passado. Não é isso?

Aminias  
É claro que não é. Seria contra  
As Leis da Natureza.

Estrepsíades  
Então explica-me,  
Ignóbil bastardo, se o mar,  
No qual todos os rios desembocam,  
Não cresce nem um pouco, como queres  
Que o dinheiro é que cresça? Responde-me.  
Não respondes? Pois trata de sumir  
Sem demora de frente dos meus olhos.

*(Aminias continua onde está, e Estrepsíades grita para o escravo)*

Traze o chicote! Logo!

*(O escravo obedece, e Estrepsíades estala o chicote, ameaçando Aminias)*

**Aminias** *(apavorado, dirigindo-se ao público)*

Meus senhores,  
Sois minhas testemunhas, meus senhores!

**Estrepsíades**

Ainda estás aí? Toma, tratante!

*(Dá uma chicotada em Aminias.)*

Vai-te embora, depressa! Vai-te embora!

*(Dá uma outra chicotada em Aminias, desta vez no traseiro.)*

Acertei bem em cheio!

**Aminias**

Se acertou!

**Estrepsíades** *(mostrando o pênis)*

Estás querendo mais no teu traseiro?

*(Apavorado Aminias sai para fora do palco.)*

Sumiste? Grande coisa! Boa coisa!

Estou livre de ti por toda a vida!

*(Estrepsíades torna a entrar em casa, para continuar a jantar, em companhia de Feidípedes.)*

**Coro** *(individualmente)*

Eis a falta de escrúpulo e vergonha,  
Eis o que é a fatal fascinação:  
Esse velho caduco e fraudulento,  
Pela ganância sórdida empurrado,  
Pra livrar-se das dívidas (e bem  
Só aparentemente, sucedido)  
Não vai perder por esperar. Bem cedo  
Esse pobre discípulo de Sócrates  
Vai aprender uma lição que é esta:  
O crime não compensa. O desonesto  
Acaba castigado. Estrepsíades  
Pode pensar que está vitorioso,  
Mas na verdade está muito enganado.  
Ele acha que seu filho Feidípedes,  
Como sofista e falastrão vazio

Se tornou invencível. Ledo engano!  
Esperai, e verei chegar um dia...

*(Estrepsíades aparece, contorcendo-se de dor.)*

Na verdade esse dia já chegou...  
Em que desanimado, Estrepsíades  
Desejará que o filho fosse mudo.

*(Dando um grito de dor e de terror, Estrepsíades pula para fora de casa, perseguido de perto por Feidípedes, que empunha um mortífero bastão.)*

**Estrepsíades**

Ai! Ai! Socorro! Ai! Ai! Ai! Em nome  
Dos deuses, me ajudai!

*(Dirigindo-se ao público)*

Oh! Meus senhores!  
Amigos! Conterrâneos! Tios! Tias!  
Pais, irmãos e parentes, socorrei-me!  
Ele está me batendo! Ai! Ai! Que dor!  
Minha cabeça como está doendo!

*(A Feidípedes)*

Espancas o teu próprio genitor?

**Feidípedes**

E com o maior prazer, meu caro pai.

**Estrepsíades**

Estais ouvindo? O bruto até confessa!

**Feidípedes**

Não só confesso, mas também proclamo.

**Estrepsíades**

Malfeitor ordinário! Filho ingrato!  
Bastardo!

**Feidípedes**

Agora estás me elogiando!

**Estrepsíades**

Bate em teu próprio pai!

**Feidípedes**

Com muito gosto.  
E acho que foi muito merecido.

Tenho uma boa justificativa.

***Estrepsíades***

Que justificativa pode haver  
Para um filho espancar o próprio pai?

***Feidípides***

Aceitarás uma demonstração  
Da Lógica nos princípios baseada?

***Estrepsíades***

Uma demonstração? Estás dizendo  
Que és capaz de provar segundo a Lógica  
Um fato tão chocante?

***Feidípides***

Exatamente.  
E mais: tu podes escolher a Lógica:  
A Lógica socrática ou pré-socrática.  
À tua escolha.

***Estrepsíades***

Filho desalmado!  
Sabe quem custeou os teus estudos?  
Fui eu, tão somente, filho ingrato!  
E tu queres agora convencer-me  
Que é de todo lógico o fato  
De um pai ser espancado pelo filho.

***Feidípides***

Posso provar, irrefutavelmente.

***Estrepsíades***

Gostaria de ouvir! Duvido muito!

***Coro***

Cuidado, meu amigo,  
Nessa competição  
Corres perigo.

Agora a coisa é tal  
Que as chances todas são  
De teu rival.

Eu te desejo sorte  
Para o derrotar.  
Ele é bem forte.  
Vais precisar.

***Corifaios (a Estrepsíades)***

E agora, senhor, eu gostaria  
Que esclareças o coro começando  
A nos contar teu insucessozinho  
Desde que começou.

### ***Estrepsíades***

Às vossas ordens.  
Tudo foi feio de princípio ao fim.  
Como sabeis nós dois nos reunimos  
Para comemorar. Nossos costumes  
Devem ser respeitados. Não há nada  
Melhor do que uma música pra festa  
Alegrar. E assim sendo eu lhe pedi  
Para pegar a lira, e uma canção  
Entoar, pois seria um bom começo:  
Por exemplo, “A Tosquia do Carneiro”  
De Simonides, ou outra semelhante.  
Sabe o que respondeu o malcriado?  
Que cantar no jantar era antiquado,  
Obsoleto, tolo, desusado,  
Só pelos velhos inda tolerado.

### ***Feidípides***

Tu tiveste o que muito merecias.  
Ora essa! Querendo que eu cantasse  
De barriga vazia! Era demais!

### ***Estrepsíades***

Pois foi assim. Negou-se e começou  
A zombar do meu gosto e de mim mesmo.  
Tentei conter a raiva, simplesmente,  
E contei até dez, pra não brigar.  
Pedi-lhe, então, depois, que me cantasse  
Qualquer coisa de Ésquilo, e o grosseirão  
Me respondeu que considera Ésquilo  
“Poeta de estatura colossal”.  
Sim. “O mais colossal, pretencioso,  
Pomposo, palavroso e bombástico  
Sensaborão da história da poesia”.  
E tive tanta raiva que custei  
A me conter, poré, rilhando os dentes,  
Consegui esboçar leve sorriso  
E lhe dizer: “Pois muito bem, meu filho.  
Canta-me algo de uma dessas peças  
Que estão na moda e que de tanto gostas.”  
Ele então recitou... O quê? Eurípedes!  
Uma dessas tragédias pegajosas  
Onde há, nada mais, nem nada menos,  
Um irmão que atarraxa a própria irmã!  
Foi demais, foi demais, senhoras minhas!

Levantei-me de um pulo, ébrio de raiva,  
E não pude deixar de injuriá-lo  
Em altos brados, e ele, de seu lado  
Insultou-me também e, mais que isso,  
Espancou-me. Espancou o próprio pai!

**Feidípides**

E não era pra menos. Tu ousaste  
Injuriar um gênio como Eurípedes!

**Estrepsíades**

Eurípedes um gênio!

*(Feidípides ergue o bastão, ameaçadoramente.)*

Ai! Ai! Socorro!  
Ele vai me bater! Ai! Ai! Socorro!

**Feidípides**

Tu provocaste, pai!

**Estrepsíades**

Desnaturado!  
Eu te criei com amor e com cuidado.  
Quando eras bebê, eu te mimava.  
Acompanhei os teus primeiros passos,  
Dei-te a mão com carinho, te amparei,  
Para depois de grande me espancares.  
Ensinei-te a falar, com todo o empenho,  
Para depois de grande me insultares.

**Coro**

Por favor, atenção!  
Agora, Feidípides,  
Tua demonstração.

É uma prova em questão  
Que de certo compete  
À nova geração.

Se este jovem então  
Derrotar o seu pai  
Valor não terá, não,

Nem um só ancião,  
Nenhum representante  
Da velha geração!

**Corifaios**

E agora, o Bravo Campeão da Troca,

O arguto Advogado do Futuro,  
O Arauto do progresso: Feidipides!

(A *Feidipides*)

Lembra, senhor: queremos a verdade  
Ou, pelo menos, algo parecido.

***Feidipides***

Senhores! A Eloqüência é coisa boa,  
Muito melhor até do que esperava.  
Oh! O arrebatamento do discurso!  
Oh! A volúpia da articulação!  
Mas sobretudo o ático prazer  
De poder à vontade subverter  
A ordem da Moral seguida e aceita!  
Quando à lembrança me vêm hoje os dias  
Inúteis e sombrios do passado,  
Dias de pré-socrática loucura,  
Quando o meu interesse eram os cavalos  
E eu seria incapaz de pronunciar  
Duas palavras gregas sem dizer  
Um solecismo alvar, então, eu sinto...  
Eu sinto... Eu sinto... Faltam-me as palavras.  
Hoje, porém, que Sócrates de mim  
Fez outro homem, um novo Feidipides,  
Que se alimenta de Filosofia,  
Ciência, Sutileza e Profundez,  
Encontro-me em perfeitas condições  
De demonstrar irrefutavelmente  
A total conveniência filosófica  
De espancar o meu pai.

***Estrepsíades***

Por Zeus, meu filho,  
Aos malditos cavalos volta logo.  
Prefiro uma cocheira a uma paulada.

***Feidipides***

Por óbvios motivos não tomando  
Em consideração a pueril  
Intervenção, eu continuo assim  
Minha demonstração. Responde agora:  
Quando eu era pequeno me bateste?

***Estrepsíades***

É claro. Eu tinha de te educar.  
Bati porque te amava.

***Feidipides***

Muito bem.  
Uma vez que tu mesmo reconheces  
A sinonímia de espancar e amar,  
É mais do que natural que eu, agora,  
Por minha vez, com muito amor, te espanque.  
Mais que isso, aliás: com que direito  
Tu podes me espancar e pretenderes  
Que eu não possa fazer a mesma coisa.  
O que pensa que sou? Que sou escravo?  
Não nasci, como tu, um homem livre?  
Que me dizes, então?

### ***Estrepsíades***

Mas...

### ***Feidípides***

Mas o quê?  
“Poupas a vara e estragas a criança”?  
este é o teu argumento? Pois, se for  
Eu posso responder com outro ditado:  
“Os velhos são crianças que cresceram”.  
É lógico, portanto, que os velhos  
Merecem muito mais ser espancados,  
Porquanto, experientes como são,  
São menos desculpáveis que as crianças.

### ***Estrepsíades***

Mas não é natural! É ilegal!  
Honrarás pai e mãe. Tal é a lei.

### ***Feidípides***

E quem fez essa lei? Um homem igual  
A mim, a ti, um homem igual a nós.  
Um homem que lutou por seu projeto  
Até poder persuadir o povo  
Que o transformasse em lei. Somente isso.  
Pelo mesmo motivo, o que me impede  
De uma lei nova apresentar, mandando  
Que os pais sejam espancados pelos filhos?  
Não seria vingança, é evidente.  
Estou mesmo inclinado a sugerir  
Uma anistia que retroagisse  
Favorecendo os pais, e garantindo  
Uma compensação pelas pancadas  
Que, por acaso, houvessem recebido  
Antes que fosse promulgada a lei.  
Se, apesar disso tudo, não estás  
Ainda convencido, todavia,  
Argumento com a própria Natureza.  
Por exemplo: observa como os galos

Se comportam entre si. Vivem brigando  
Filhos com pais, sem vãs hierarquias.  
E em que a sociedade galinácea  
Se difere da nossa: tão somente  
Porque a nossa tem leis e ela não.

***Estrepsíades***

Se estás disposto a imitar os galos,  
Por que não vais, então, comer titica  
E dormir no poleiro?

***Feidípides***

Ora! Porque...  
Porque não há no caso analogia.  
Se duvidas de mim, pergunta a Sócrates.

***Estrepsíades***

Deixa os galos pra lá. Mas te aconselho  
A não bateres mais em mim, pois isso  
Vai acabar é te prejudicando.

***Feidípides***

Prejudicando-me? Eu duvido.

***Estrepsíades***

Então,  
Presta atenção no que estou te dizendo:  
Quando eras menino eu te bati.  
Mas um dia terás, também um filho,  
Nele descontarás o que tiveste.  
Se, porém, me bateres, o teu filho  
Naturalmente seguirá o exemplo  
E contigo fará o que me fazes.

***Feidípides***

E se eu não tiver filho? Nesse caso  
Eu ficarei privado de bater  
Em qualquer um. E agora, o que me dizes?

*(Há um silêncio prolongado, pois o argumento causou profunda impressão em Estrepsíades.)*

***Estrepsíades***

Tenho de confessar que tens razão.

*(Para o público.)*

Falando para a geração mais velha,  
Sou obrigado a confessar, senhores,  
Derrotado saí. Meu douto filho

Conseguiu demonstrar a sua tese:  
Deve ser espancado o pai faltoso.

***Feidípides***

Naturalmente. Eu ia me esquecendo,  
De uma questão final, muito importante.

***Estrepsíades***

Qual é? O funeral?

***Feidípides***

Muito ao contrário.  
Eu acho até que vais ficar contente.

***Estrepsíades***

Mais do que já estou? Acho difícil...

***Feidípides***

Segundo dizem, “O sofrimento gosta  
De companhia”. E terás, meu pai.  
Em tua desventura, companhia.  
Vou espancar também minha mãezinha.

***Estrepsíades***

Bater em tua mãe?! Isso é pior,  
Dez mil vezes pior!

***Feidípides***

Tu achas mesmo?  
E se eu provar, por Lógica socrática,  
Isso também, então o que dirias?

***Estrepsíades***

O que eu diria? Digo agora mesmo:  
Se tal coisa provares, eu permito  
Que juntes tua Lógica nojenta,  
E o teu Pensamental e dentro Sócrates,  
E enfie tudo no lugar devido!

*(Dirigindo-se ao Coro)*

Ó Nuvens, fostes vós que me arrastastes  
A esta situação em que me encontro.  
Ser assim enganado! Mentirosas!

***Corifaios***

Foste tu o culpado, Estrepsíades.  
O único culpado foste tu.  
Não foi feita por nós a tua escolha,  
Porém por tua própria improbidade.

***Estrepsíades***

Por que, então, em vez de aconselhardes  
Um pobre ignorante a se afastar  
Do mal, muito ao contrário, o incitastes?

***Corifaios***

Porque é assim mesmo que nós somos:  
Insubstanciais nuvens onde o homem  
Constrói as suas frágeis esperanças,  
Brilhantes, tentadoras, mas formadas  
De puro ar, miragens do desejo.  
E assim agimos nós, indiferentes.  
Seduzindo e atraindo os homens vãos  
Nos desonestos sonhos da ambição  
Que, como sonhos, logo se desfazem.  
E o sofrimento lhes ensina então  
A respeitar os deuses, e a temê-los.

***Estrepsíades***

Não vou elogiar o vosso método,  
Mas fiz mal em lograr os meus credores,  
Eu confesso que fiz.

*(A Feidípides)*

E tu, meu filho?  
Vamos vingar de Cairefonte e Sócrates  
Por nos ludibriarem? Vens comigo?

***Feidípides***

Achas mesmo que posso te ajudar  
Contra o meu Mestre de Filosofia?  
De modo algum?

***Estrepsíades***

Respeita um pouco Zeus.

***Feidípides***

Que Zeus, que nada! Acreditar em Zeus!  
É prova de burrice consumada!

***Estrepsíades***

É claro que há Zeus.

***Feidípides***

Claro por quê?  
Agora no poder está o Princípio  
Da Convecção. E Zeus foi deportado.

### **Estrepsíades**

É mentira! Mentira deslavada.  
Toda essa história de Convecção  
Me foi contada no Pensamental  
Fizeram-me lavagem cerebral  
Completa e até mesmo me ensinaram  
Que o universo é uma espécie de fogão,

*(Apontando para o modelo em frente ao Pensamental.)*

Como aquele modelo, um fogo cósmico,  
E que os deuses não passam de um gás quente  
Girando em turbilhão. E me iludiram  
E engoli tudo: a isca, o anzol e a linha.

### **Feidípides**

Pois isso é lá contigo. Eu vou-me embora.

*(Sai Feidípides.)*

### **Estrepsíades**

Ó asno, ó toleirão desmiolado,  
Ó imbecil que fui, deixando os deuses,  
Para seguir a Sócrates! Cretino!

*(Pega o bastão de Feidípides e furiosamente despedaça o modelo de universo em forma de fogão, em frente ao Pensamental. Depois, corre em direção à sua própria casa e cai de joelhos diante da estátua de Hermes.)*

Grande Hermes, te imploro, grande Hermes:  
Esquece a justa ira e compadece  
Deste desventurado que te implora!  
Compadece de mim, dá-me um conselho.  
Achas que eu devo demandar, ou não?

*(Encosta o ouvido junto à boca do deus, como se estivesse ouvindo um conselho sussurrado.)*

O quê?... Hum... Hum... Sei... Hum... Não demandar.  
Pode continuar!... É mesmo?... É mesmo?  
Eu sei... Por fogo no Pensamental...  
Com a fumaça expulsar os charlatões...  
Incinerar as falsificações!  
Vou fazer! Vou fazer! Muito obrigado!

*(Grita para o seu escravo)*

Vem cá depressa, Xântias, com uma escada  
E com um machado! Bem depressa!

*(Xântias corre trazendo uma escada e um machado.)*

Agora  
Sobe ao telhado do Pensamental  
E tira algumas telhas, descobrindo  
O teto embaixo. Vamos! Bem depressa!

*(Xântias encosta a escada na parede do Pensamental, sobe e começa a destelhá-lo, com ajuda do machado.)*

Depressa, agora traze-me uma tocha!

*(Outro escravo chega correndo com uma tocha acesa.)*

Ó deuses! Vou queimar esses tratantes  
Pra pagar o que comigo fizeram,  
Ou meu nome não é Estrepsíades!

*(Sobe na escada até o telhado, e, furioso, põe fogo nos barrotes e traves do telhado com a tocha, enquanto Xântias levanta as telhas com o machado. A fumaça se espalha em nuvens, e todo o telhado parece estar em chamas, enquanto dentro do Pensamental se ouvem os primeiros sinais de alarme e confusão.)*

**Primeiro Aluno** *(de dentro)*  
Fogo! Fogo! Socorro!

**Estrepsíades**  
Vou torrá-los!

*(Quando Xântias pára, para olhar o espetáculo, Estrepsíades lhe passa a tocha, toma-lhe o machado e começa a dar machadadas nos barrotes, freneticamente.)*

**Primeiro Aluno** *(sai correndo do Pensamental e olha para o telhado)*  
Patife, o que fizeste?

**Estrepsíades**  
Estou apenas  
A Lógica aplicando a este telhado.

**Segundo Aluno** *(de dentro do prédio)*  
Quem foi que incendiou o nosso ninho?

**Estrepsíades**  
Foi um homem sem manto.

**Segundo Aluno** *(correndo para fora de casa)*  
Mas estou  
Sendo queimado vivo!

**Estrepsíades**

E eu, então?  
Tiritando de frio, quase morto!

**Primeiro Aluno**

Mas foi um incêndio criminoso! É claro!  
Eu vou morrer!

**Estrepsíades**

Vai, sim. Exatamente  
Aquilo que eu queria.

*(Quase atinge a perna com uma machadada, e fica se balançando perigosamente no telhado.)*

Ui! Ui! Contanto  
Que eu não caia daqui e quebre a espinha.

*(Arquejando e tossindo desesperadamente, Sócrates sai do Pensamental, seguido de perto por uma incrível procissão de Alunos, magros e pálidos como defuntos, todos gritando de medo. Atrás de todos, cacarejando como dois galos amedrontados, vêm Filosofia e Sofisma.)*

**Sócrates**

O que é isso, patife, descarado?  
O que fazes aí no meu telhado?

**Estrepsíades**

Estou andando no ar, e contemplando  
O nosso Sol de cima para baixo.

**Sócrates** *(sufocado pela fumaça e transtornado pela raiva.)*

Atrevido! Safado! Eu... Eu... Ui! Ui!  
Estou... Ui! Sufoca... Ui! Sufocado!

*(Enquanto Sócrates cai, sufocado por um acesso de tosse, Estrepsíades e Xântias descem a escada, vindos do telhado. Depois, Cairefonte, inteiramente coberto de fuligem e cinza, e com o manto pegando fogo, sai do inferno Pensamental.)*

**Cairefonte**

Ai! O Pensamental virou um forno!  
E eu virei cinza! Ai!

**Estrepsíades** *(espancando-o com um bastão, enquanto Xântias chicoteia Sócrates)*

Quem te mandou  
Os deuses blasfemar? Quem te mandou  
Espionar a Lua lá no céu?

**Corifaios**

Vamos! Chibateai-os, espancai-os,  
Pelos seus crimes, mas principalmente  
Por se atreverem a blasfemar os deuses!

*(Estrepsíades e seus escravos espancam Sócrates e seus seguidores, até que todos os pensadores, seguidos por Filosofia e Sofisma, correm apavorados para fora de cena. O Pensamental desaba, com grande barulho, transformado em uma ruína em chamas.)*

**Coro**

Agora, sem mais tardança,  
Vamos sair, sem mais essa.  
Acabou a nossa dança  
E acabou também a peça.

*(Vagarosa e majestosamente, o Coro se retira.)*